



ANIMATO GRAFO

DIRECTOR - ANTONIO LOPES RIBEIRO

Nº 3 ● 1\$50



O inolvidável intérprete de «Espiões», da «Mulhêr na Lua», da «Valsa do Amôr» e de tantos outros belos filmes de Alem-Reno, deixou há algum tempo de aparecer nas nossas telas, o que decerto tem sèriamente desgostado todas as suas admiradoras portuguesas. «Animatógrafo», para matar as saúdes das suas «fans», resolveu publicar nesta página o retrato do simpático Willy.

WILLY FRITSCH

BOAS FESTAS!

Este artigo chama-se o artigo pascoal e serve para pedir desculpa aos leitores por não terem ainda recebido as amêndoas da Páscoa que o *Animatógrafo* tinha obrigação de lhes mandar.

Eu disse: *não terem ainda recebido*, para principiar a desiludir-vos dum modo suave, sem brutalidades, sem sobresaltos cardíacos. A verdade é que nós estamos resolvidos a não mandar as amêndoas aos leitores embora eles as mereçam incontestavelmente. Mandamos-lhes apenas mais este número de *Animatógrafo* e, mesmo isso, a trêco dos quinze tostõesinhos da tabela. Sim, somos rialmente pouco generosos e temos razão para isso. A crise não está para graças nem para borlas. Estamos convencidos de que, este ano que faz parte do período fatal das vacas magras, até os vossos pais e padrinhos se fecharam provavelmente em copas. Nós também nos fechamos até certo ponto em copas. Não damos amêndoas nem números grátis da nossa revista mas, de resto, damos tudo: informações cada vez mais seguras, críticas cada vez mais esclarecidas e observadoras, fotografias de filmes cada vez melhores e de vedetas cada vez mais nhas e, finalmente, o nosso talento, o nosso imenso talento que não tem limites nem precauções.

Mas vocês naturalmente não compreendem nem reconhecem o valor cinéfilo do nosso humilde presente de Páscoa.

Os leitores como os espectadores são, em geral, umas criaturas quasi todas anónimas, construídas sobre alicerces de ingratidão.

Se vocês soubessem, o que nos custa, muitas vezes, a encher uma página ou duas com frases empoladíssimas que giram com mais ou menos agilidade em volta duma verdadezinha pura e simples como uma fiôr pequenina!... Vocês não fazem também ideia do que sofremos quando, por exemplo, somos obrigados a fazer a crítica dum filme horrível, exibido por um empresário amigo a quem não queremos, de maneira nenhuma, ser prejudiciais. E ainda em cima, sabem, somos mal pagos, justíficadamente mal pagos, porque uma revista portuguesa desta especialidade não pode ter uma expansão que lhe permita fornecer aos seus colaboradores ordenados menos neurasténicos. Oh! se eu fôsse bem pago, por um preço fixado por mim, como eu havia de ser brilhante! Que borracheiras raras eu havia de escrever! Falaria das estrêlas com umas palavras muito especiais, muito caras, muito bem inventadas...

Mas assim, resignemo-nos, vocês e eu. Vocês porque lêem borracheiras e eu porque não sou pago em ouro.

Vou-lhes dar um conselho de cinéfilo, um conselho que vos vai servir nesta época duvidosa da Páscoa. Não vejam filmes religiosos!



Mary Carlisle tão bonita rapariga que mereceu, além da capa, a publicação de mais retratos. Este vem aqui de propósito para que os leitores se despeçam da Páscoa com saudade

São sempre uma coisa impossível de mau gosto. Por mais voltas que lhes dêem, já não há meio de resultar coisa alguma que preste ou simplesmente que se grame. Eu, pela minha parte, já não posso e, como tenho o hábito humaníssimo de julgar os outros por mim, suponho que vocês participam da minha opinião.

Sonora ou muda, a vida de Cristo já não consegue emocioná-me, nem fazer-me sofrer, nem sequer distrair-me.

Em todo caso, nada nos impede de esperar qualquer progresso importante nesse género de cinema.

Para este ano não sei de uada de sensacional. Talvez nos sirvam outra vez o «Rei dos Reis», apresentado com uns sons vagos ou a versão frouxamente sonora do «Ben-Hur».

O assunto em si, como cinema, está esgotado, chupado até à última. Foi reduzido à sua antiga forma de legenda, reabsorvido pela Bíblia, em versículos. Este ano faço grêve de espectáculos religiosos e fico esperando, sem confiança de resto, que a Páscoa de 1934 nos traga de surpresa qualquer maravilha desconhecida.

OLAVO



VERSÕES



Em cima, Conrad Veidt e Charles Boyer, criadores da personagem de Ellis- sen em «I. F. 1 não responde», respectivamente nas versões inglesa e fran- cesa.—Em baixo, Mady Christians e Danièle Brégy, que interpretaram a Imperatriz Eugénia nas versões alemã e francesa de «A Imperatriz e Eu»

riações foram direitos ao fim que se propunham atingir— não perder os vários mercados estrangeiros — e não olharam aos meios.

Os alemães pensaram, e bem, que para atingir os fins era necessário, imprescindível, atender e cuidar muito dos meios. E então seguiram este critério: condicionar o fim comercial aos meios artísticos, cuidando o mais possível destes últimos. E o seu sistema deu um resultado. Todos se lembram do *Caminho do Paraíso* ou do *Congresso que dança*, e da sua perfeição dificilmente excedível. E o que eram esses filmes? Versões.

Mas versões que, pelo cuidado com que foram feitas e pela meti- culosidade com que foram tratadas, merecem tanta consideração como qualquer grande filme «original», porque são, afinal, de idêntica qualidade.

Foi aí que os alemães deram em cheio: tiveram a habilidade de fazer com que as suas versões fôsem do mesmo valor, quando não de maior valor, que os próprios filmes originais.

Deve-lhes sair cara a brincadeira, mas eles que continuam é porque não se dão mal com ela.

E de que continuam o atestam as fotografias que se vêem nesta página.

Charles Boyer e Conrad Veidt, os dois intérpretes de Elis- sen, o «aventureiro do ar» da *I. F. 1 não responde*, nas versões francesa e inglesa, respectivamente.

Na versão alemã essa figura foi criada por Hans Albers, que esteve em Lisboa o ano passado, com a *troupe dos Estupefacientes*.

Na outra vemos Danièle Brégye, Mady Christians, as duas impera- trizes Eugénias— a francesa e a alemã— da *Imperatriz e eu*.

Há artistas que fazem mais de uma versão, como a poliglota Lilian Harvey, que faz a alemã, a francesa e a inglesa. Mas quando isso não é possível, os produtores alemães não estão com meias medidas e vão buscar os melhores actores para as suas versões. E é por essas e por ou- tras que as suas versões são impecáveis, deixam mesmo de ser «ver- sões» para serem todas grandes filmes e até filmes distintos.

Não estranhem esta afirmação. Pensem só em quanto será diferente o *Congresso que dança* alemão do francês, em virtude da diferen- ça dos actores, para não falar do resto. O partido que Armand Bernard

(Continúa na página 16)

O sonoroso trouxe consigo uma mudan- ça radical nos métodos de explora- ção dos produtores. Desde que os filmes passaram a ser falados, levantou-se o problema das línguas. Um filme falado em inglês, por exemplo, certamente não vai ser aceite em Espanha, em Portugal ou em Itália— pensaram os produtores. Como resolver o problema? Fazendo várias versões do mesmo filme.

E deitaram mãos à obra. Contrataram artistas dos vários países e puzeram-nos a repetir na sua língua o que os «grandes» de Hollywood tinham dito para o filme-base. Mas afinal o sistema não deu o que se esperava. Primeiro pelo custo elevadíssimo a que tudo aquilo ficava e ainda porque as várias versões resultavam medíocres, quando não péssimas, traduções reles, sob todos os pontos de vista, do filme original. Devem ainda lembrar-se dessas versões espanho- las, francesas e mesmo portugue- sas que para aí foram exibidas e que tiveram um lindo entérro, tão más eram.

Em vista disto os produtores mudaram de rumo. E agarraram-se ao *dubbing*, no que não foram mais felizes, em minha opinião, ou pelo menos, no que não foram ainda absolutamente felizes, e se- ão veremos.

Os alemães fizeram também o mesmo que os americanos.

Mas seguiram melhor critério que os *yankees* e por isso conse- guiram impôr as suas versões, sem discussão possível.

Os americanos utilitários e mate-



Animismo

Resolvi não acreditar que haja ainda alguém que duvide sinceramente da existência actual duma arte cinematográfica, capaz de produzir obras tão sérias e duradouras como as demais. Se há quem o afirme, é certamente por pedantismo, por espirito de contradição ou por ânsia de originalidade. Não pode ter coragem para estar convencido disso mesmo; não pode encontrar de bô-fé, na sua inteligência, argumentos razoáveis que possam demotivar todos os princípios que os cineastas de todo o mundo procuraram, laboriosamente, estabelecer.

Mas acredito sem dificuldade, pois que o constato a cada passo, que existem seres normais, sem deficiências físicas aparentes, completamente insensíveis às manifestações dessa arte de que eles desconheciam, mais por preguiça que por incapacidade. Não se atrevem a negar-lhe ostensivamente a existência nem os méritos. Exibem um conformismo tolerante, sintoma inilutável de negligência mental. Achem graça. Vão ao cinema com regularidade. Não afinam quando um amigo lhes chama cinéfilos. Mas são de tal maneira avessos à assimilação das coisas próprias do cinema, recusando-se a conhecer-lhes qualquer espécie de significação ou de beleza, que chego a duvidar da sua sinceridade.

Partindo do princípio que essa gente é sincera, gostava de poder mostrar-lhes, a um de cada vez, um filme milagroso que se estreou na Quinta-feira Santa, no Central.

É um modesto documentário de seiscentos metros intitulado Pedras Sagradas e em que são reveladas duas maravilhas: as estátuas e os baixos-relevos da catedral de Naumburgo — e o génio interior do animatógrafo.

Nunca nos pareceu tão bem o título que escolhemos para esta publicação. Lembremos o axioma de Jean Epstein: «Uma das maiores potências do cinema é o seu animismo. No ecran, não há natureza morta»... «Por outro lado, o cinema é uma lingua e, como todas as linguas, é animista, isto é: empresta uma aparência de vida a todos os objectos que designa».

O cinema realizou a lenda de Prometeu: animou as estátuas. Conviém esclarecer, para elucidação dos inocentes, que não precisou para isso de recorrer a quaisquer truques, mais ou menos semelhantes aos bonecos articulados de Starevitch — esses piccolli do cinema. A vida que comunica às coisas imóveis emana d'ele próprio. É um aspecto do mistério da luz, magia branca capaz de conseguir feitiços espantosos.

Pedras Sagradas é um verdadeiro milagre de Paixão. Dificilmente se concebe alguma coisa de mais belo ou mais perfeito. Belo desde a modéstia; perfeito até à immortalidade.

Os seus autores limitaram-se a entrar na Sé de Naumburgo e a filmar aqui e além blocos de pedra. E as estátuas não foram mais estátuas, na aceção de imobilidade hierática e eterna. Transformaram-se em imagens vivas, com uma alma — quasi com uma carne. Pelpitam no ecran, corre-lhes nas veias sangue luminoso.

Se eu fôsse escultor, de ora em diante, só fazia estátuas para servirem de modelo a imagens cinematográficas.

Detxemo-nos de poesia e de estilística e apresentemos os factos com brutalidade. Pedras Sagradas é a prova cabal de que existe realmente uma arte cinematográfica independente da arte dramática, onde não há resquício de literatura, viltumbra de teatro. Uma arte capaz de criar um espectáculo próprio, em que os intérpretes sejam as próprias coisas e não a sua imitação. Uma linguagem universal, mais clara, mais explicita, mais fácil e, ao mesmo tempo, mais elevada, mais perto da natureza e do espirito que o esperanto ou o volapuk.

Dziga-Verlov, o russo habilidoso e subtil, demonstrou nos seus filmes que era possível criar o fotodrama com elementos esparsos, colhidos aqui e acolá, na seara fértil da vida, sem outro fio que não fôsse o da montagem visual. O Homem com o aparelho de filmar é um autêntico discurso, em que se prego, sem recorrer a um só actor, a vitalidade da Rússia moderna.

Pedras Sagradas é a apoteose da fotogenia. Os seus autores (é preciso fixar estes dois nomes: C. Oertel e R. Banberger, cumpriram à risca o preceito de Eostein: «O cinema deve evitar todas as relações, que só podem ser desastrosas, com um assunto histórico, educador, de romance, moral ou imoral, geográfico ou documental. O cinema deve procurar tornar-se pouco a pouco e enfim unicamente cinematográfico, isto é: utilizar somente elementos fotogénicos. A fotogenia é a expressão mais pura do cinema».

Em todo o filme só há fotogenia — e empolga como a corrida de Ben-Hur (outroorceau de roi do repertório).

Gostava de saber se, tendo assistido à exhibição de Pedras Sagradas — que um organista excelente, Fritz Heitmann, accompanhou com música de Bach — algum desses cavalheiros do princípio continua insensível como um bacamarte ao poder animico do cinema. Se continua — o mundo está perdido.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Panorâmica

Os paladinos

Na «Legenda dos Séculos», o velho Hugo cantava com saúde:

La terre a vu jadis érrer des paladins...

Ainda hoje percorrem a terra paladinos, possessos duma fé inquebrantável mas que, em boa verdade, já não encontra objecto digno dela. Não andam de elmos na cabeça nem de lança na mão. O progresso e a hygiene condenaram o chapéu e os colarinhos de goma; não

podiam admitir no século XX tão incómodos atavios. Contudo, em Portugal, a maioria desses Quichotes anacrónicos anda de monóculo de polainas...

Alguns vêm ter connosco ás redacções a propôr-nos reformas formidáveis. Movidos pelas mais puras e respeitáveis intenções, defendem com denodo os seus pontos de vista.

— É preciso pôr acima de tudo o Cinema português! Nacionalizemos o Cinema! Não precisamos dos franceses, nem dos americanos, nem dos alemães! Repilamos (êles dizem mesmo «repilamos») os bárbaros do norte! A nossa pátria deu ao mundo Camões, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque. Porque não há de gerar no seu seio um King Vidor, um Fritz Lang, um René Clair? Está nas nossas mãos. É uma questão de boa vontade — e de um decreto em que se arranje uma subvençãozinha cá para a rapaziada...

— Desenvolvamos a indústria preferindo produtos portugueses! Em Portugal também se faz cinema! Fizemos a «Fátima Milagrosa», o «José do Telhado», a «Castelã das Berlengas», a «Maria do Mar». Fizemos a «Seveia», que até falava como as fitas americanas. Tudo isto se metia nos eixos se os exhibidores fossem obrigados a passar, por cada mil metros de película estrangeira, dois mil ou dois mil e quinhentos metros de filme nacional.

— Só o Estado pode e só ao Estado compete estabelecer em Portugal a indústria do cinema. Há ou não há dinheiro no Banco de Portugal e na Caixa Geral dos Depósitos? Temos ou não temos a Costa do Sol, do nosso rico solzinho que não tem equivalente no estrangeiro? Temos ou não temos as nossas lindas paisagens, os nossos pitorescos costumes, o nosso tão característico folclore? Porque esperamos?

Pôsto isto, sentam-se ingloriamente num café a escrever artigos de fundo — e esquecem-se de pagar as prestações da Tobis.

Ha para aí uns palermas que andam a dizer que «Animatógrafo» é contra o cinema português; que está vendido ao estrangeiro, que só se interessa pelo que se faz *lá fora*, em resumo: que não tem mesmo patriotismo nenhum.

É mentira. Não trocamos o nosso patriotismo pelo de ninguém e afirmamos sem basófia que ninguém mais do que nós se tem preocupado em fazer qualquer coisa do cinema português. Mas isso faz-se com serenidade de animo e de consciência, metódicamente, teimosamente, sem transigências piegas com os amigos — e muito menos com o tal sol bonito.

Com mais *profissionais* e menos paladinos.

Cinéfilos

Os cinéfilos portugueses começam a desistir à fôrma de entrar para o cinema. Estão farto de mandar inutilmente as suas expressões ás revistas que anunciam a mobilização geral das vedetas *in herbis*. Começam a desconfiar que, os jornalistas de cinema são todos uns aldrabões, ou querem divertir-se á custa d'êles.

Verificam que a produção portuguesa está mesmo por uma unha negra e que afinal não se chamaram, não foram ter com êles, nem mesmo para representar um modestíssimo vigésimo quarto papel.

Há quem diga que é essa a principal razão que fez diminuir tão sensivelmente o seu entusiasmo pelas coisas do ecran.

O derrubar inevitável das suas pobres ilusões ercheu-os de melancolia e de rancôr.

O cinema sofreu com isso uma perda irreparável. E nós, que temos por êsses óptimos rapazes um carinho que nunca tratamos de esconder, gostaríamos que os produtores lhes pagassem com uns minutos de paciência e uns metros de negativo, a sua dedicação pelo cinema.

Imprensa

Alguns jornais tiveram a gentileza de saudarem espontaneamente a nossa aparição em termos lisongeiros, que saiem fóra das banalidades de chapa. Agradecemos, a todos, com os protestos da nossa rialíssima camaradagem.

Permitimo-nos porém destacar a amabilíssima referência do «Notícias Ilustrado», o moderníssimo semanário em occogravura que Leitão de Barros dirige com tanto brilho.

Leitão de Barros é um valor — e um verdadeiro amigo. Que aceite o nosso abraço e que fique sabendo que tem as páginas de *Animatógrafo* ás suas ordens.

JOSEPH VON STERNBERG e Marlene Dietrich vão trabalhar para a FOX

Como se sabe, Joseph von Sternberg, abandonou há tempos a Paramount. Por sua vez Marlene Dietrich, antes que tivesse caducado o contrato que a liga àquela empresa devia interpretar ainda um filme. No entanto, recusou-se a trabalhar sob as ordens de outro realizador, até que teve de mudar de ideias em face do processo que a Paramount lhe intentou, resolvendo-se a interpretar *The Song of Songs* dirigida por Rouben Mamoulian. Agora notícias muito recentes veem até certo ponto esclarecer a situação futura de Sternberg e Marlene, os quais não deixarão já a América pela Europa, pois devem, antes ingressar na Fox.

HOLLYWOOD

CADA VEZ TEM MENOS APÊNDICES

Os cirurgiões americanos continuam tendo entre as vedetas do cinema uma grande clientela. E' sobretudo aos apêndices das estrelas que eles tem feito uma autentica raziá.

Ultimamente foram Thelma Todd, a formosa rival de Clara Bow em *Sangue Vermelho* e Benita Hume, a artista inglesa agora sob contrato da Metro aos pacientes de apendicetomias. A grande Marie Dressler sofreu também, há pouco em New York uma operação de pequena cirurgia. Claudette Colbert foi operada duma sinusite; Katherine Hepburn, a nova vedeta da Radio que, segundo se diz, vai destronar Greta Garbo e Marlene Dietrich sofreu também recentemente uma operação, ambas de pequena importancia, o mesmo succedendo a Cary Grant o *leading-man* de Sylvia Sidney em *Madame Butterfly*.

Buster Grabb, o actual campeão olímpico de natação, o mais serio rival de Johnny Weissmuller, embora necessitasse extrair o apêndice recusou-se a ser operado, por temer que a cicatriz ficasse visível, o que prejudicava grandemente a sua interpretação de *King of the Jungle* (Rei da Selva) a replica da Paramount ao *Tarzan* da Metro.

... E MAIS PIMPOLHOS

Em Hollywood, entre os casais de cinema, continua grassando com grande intensidade a epidemia dos nascimentos.

Nestas ultimas semanas a famosa e classica cegonha apresentou com formosos babinhos nada menos que os lares de Richard Dix-Winifred Coe (uma menina), Arlene Judge-Charles Ruggles (um rapaz) e Jobyna Ralston-Richard Arlen (um peitão).

Pois agora há a juntar a esses o *blessed event* de Louise Fazenda — a esplendida comedianta em cujas veias corre ainda sangue português — que tornou Mr. Hal Wallis pai dum gorducho pimpolho.

Por este andar não custa a crer que Hollywood se torne numa das mais populosas cidades da Califórnia...

Barbara Kent casou com H. Eddington

Barbara Kent, aquela encantadora rapariga que foi a individual interpretre de *Solidão* acaba de se casar em Yuma, no estado de Arizona com Harry Eddington.

Eddington é incontestavelmente uma das mais populares personali-

dades de Hollywood devido à situação que ocupa entre a gente do cinema. E' ele o astuto *manager* de Greta Garbo, a quem ela deve, na verdade grande parte da sua destacante situação já como seu intelligente conselheiro, quer como acerrimo defensor dos interesses daquela vedeta, que são no fim de contas os proprios...

Barbara Kent e Harry Eddington conheceram-se pela primeira vez durante a realização de *O Diabo e a Carne* o celebre filme de Clarence Brown com Greta e John Gilbert, onde Barbara interpretava a figura da jovem apaixonada de Gilbert.

O novo papel de Greta Garbo



Greta Garbo, que deve chegar por estas dias a Hollywood depois de uma ausencia de alguns meses na Europa, começará a trabalhar em principio de Maio no filme *Queen Christina* (Rainha Christina) que Clarence Brown dirigirá.

MONSIEUR NE VEUT PAS D'ENFANT

Lew Ayres, o inesquecível interpretre de *A veste nuda* de Novo casou-se há meses com Lola Lane uma interessante rapariga que no cinema não tem tido grande oportunidade de se revelar.

Ora poucos meses depois de casados, algumas nuvens vieram ensombrar a felicidade conjugal dos jovens esposos, a ponto de terem de se separar. Agora acaba de ser decretado o divórcio que os liberta duma união dora á vante impossivel, o que aliás não impediu que ficassem amigos.

«Lew é um artista, necessitava de liberdade. Eu adorava o meu lar

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DAS ESTRELAS

INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS

e a minha maior ambição seria ter um filho. No entanto Lew, alem de gostar da vida fóra de casa, nunca quiz satisfazer o meu outro desejo. Daí o nosso divórcio». Foram estas as claras declarações de Lola Lane a um jornalista pouco depois de decretado o divórcio...

A reparação de Colleen Moore

Colleen Moore — que tal como succedeu a Billie Dove, a Alice White perdeu com o fonocinema a popularidade e o prestigio que no tempo do silencio gosava — depois de um afastamento de alguns anos, foi há tempos contratada pela Metro para aparecer no filme de Wallace Beery intitulado *Flesh*. Depois, á ultima hora Colleen foi substituida por outra artista, Karen Morley. Ha pouco foi noticiado que a reparação de Colleen Moore se faria no filme *Lost* em que entraria tambem o pequeno Jackie Cooper. De novo foi substituida.

De forma que aborrecida com o procedimento dos dirigentes da sua empresa, Colleen Moore rescindiu o contrato, ingressando na Fox devendo ser interpretre de *The Power and the Glory* que Jesse Lasky, agora associado á Fox, produzirá.

HALL CAINE no cinema

John Barrymore, logo que conclua *Reunion in Vienna*, em que actualmente está actuando, interpretará a personagem principal do celebre romance de Sir Hall Caine *The Christian*. A seu lado, personificando a figura de *Glory Quayle*, aparecerá Jean Harlow.

The Christian foi há uns nove anos já adaptado ao cinema, tendo Richard Dix criado nessa primeira versão a figura de *John Storm* que agora John Barrymore vai interpretar.

O NOVO FILME DE LUBITSCH

Ernst Lubitsch, cujo último filme, *A Thief in Paradise*, com Herbert Marshall e Kay Francis, sai um pouco dos moldes dos seus anteriores trabalhos, vai iniciar a realisação duma nova película, extrai da peça de Noel Coward, o celebre actor-autor inglés, intitulada *Design for Living*, o actual melhor triunfo dos teatros de Broadway, e da qual serão interpretes Frederic March, Miviam Hopkins e Herbert Marshall.

A Paramount pagará a Noel Coward pelo direito de adaptação, a linda soma de 50 mil dolares, cerca de mil e quinhentos contos da nossa moeda!

Flashes

■ Lupe Velez e Jimmy Durante, o narigudo comedianta, aparecem agora no palco do Zeigfeld Follies, na revista *Strike me Pink*.

■ Emilio e os Detectives o belo filme de Gehrard Lamprecht acaba de ser apresentado em Inglaterra no Cinema House, com grande exito.

■ Fernand Gravey o excelente interprete de «Eu de dia e tu de noites encontra-se presentemente em Londres onde, para o produtor Herbert Wilcox irá interpretar o filme *Bitter Sweet* tendo a vedeta inglesa Anna Neagle como *Leading-lady*.

■ Em virtude dos censores americanos não concordarem com o final de *Irma Branca* de que Helen Hayes e Clark Gable são os interpretes as ultimas scenas tiveram que ser modificadas.

■ A censura inglesa proibiu a exhibição do filme da Paramount *A Ilha das Almas Perdidas* extrai dum romance de Wells.

■ Hal Roach, o conhecido produtor de comédias — os filmes de Laurel e Hardy e os da «Pandilha» são por ele produzidos — deve chegar em breve a Inglaterra onde dirigirá algumas comédias por conta da Metro.

■ Existem hoje na Europa 30.623 cinemas, dos quais a Alemanha possui 5.071 e a Inglaterra 4.950. Nos Estados Unidos existem somente 19.042 salas de projecção.

■ Ramon Novarro chegou agora a Paris em viagem de férias. Na volta á America Ramon será o interprete dos filmes *Laughing Boy* e *The Cat and the Fiddle*, depois do que terminará o seu contrato com a Metro.

■ Trezentas mil raparigas pertencentes ás National Girl Scouts dos Estados Unidos escolheram Janet Gaynor como a sua artista preferida.

■ Kurt Gerron, o realizador de *Estupeficientes* está dirigindo um novo filme para a Ufa cujo titulo não está ainda escolhido. Interpretam-no Magda Schneider, Lissy Arna, Paul Otto, Otto Wallburg e Julius Falkenstein.





Das cenas características do último filme de Anny Ondra, «A Filha do Regimento», escolhido pela Agência H. da Costa para inaugurar a série das suas apresentações corporativas, no Central

Mais outra regalia para os assinantes de «Animatógrafo»:

Assistir às apresentações corporativas dos filmes da Agência H. da Costa

Iniciando esse regime a Agência H. da Costa dá, não só um impulso considerável ao espectáculo cinematográfico em Portugal, fazendo-o assentar num novo principio de seriedade artistica (uma vez que os filmes passam a ser julgados pela critica antes de o público passar pela bilheteira), como dá um primeiro passo definitivo para a aproximação e estreita-

cinema é a que tem por programa o melhoramento constante da qualidade e das condições do espectáculo. Os interesses criados, sendo enormes, respeitaveis e muitas vezes concorrentes, não devem de maneira nenhuma impedir que todos trabalhem em conjunto, com a mais leal camaradagem, na defesa do bem comum, que é o cinema propriamente dito.

Estamos certos de que é essa a opinião de todos os nossos colegas da imprensa. Por isso os convidamos a contribuir, como nós vamos fazê-lo, para que as apresentações corporativas da Agência H. da Costa não sejam diminuído, por falta de apoio, o seu alcance pratico.

Negar o significado de tal iniciativa seria trair os interesses do cinema.

O filme escolhido para inaugurar a série de sessões corporativas foi, como já dissemos, «A Filha do Regimento», última cine-opereta de Anny Ondra. Congratulamo-nos com a felicidade da escolha. Anny vai dar uma nota simpática e alegre ao acontecimento, tornando-o ainda mais digno de nota.

Os nossos assinantes têm a partir de hoje uma nova e importante regalia que nos foi oferecida pela Agência H. da Costa Lt.: a de poderem assistir às apresentações corporativas que essa grande casa distribuidora vai fazer.

A primeira dessas reuniões privadas, verdadeiras *avant premières*, reservadas, á semelhança do que se faz lá por fóra, aos representantes da imprensa, aos membros da corporação cinematográfica e a alguns convidados de marca, terá lugar na próxima quinta-feira, 20 do corrente, no Central, ás 3 horas da tarde, e nela se fará a apresentação do último filme da esfusiante Anny Ondra

A Filha do Regimento

realizada por Carl Lamac segundo a famosa opereta.

A ENTRADA SERÁ PERMITIDA AOS NOSSOS PRESADOS ASSINANTES, NA MEDIDA DOS LUGARES DISPONÍVEIS, MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DOS SEUS CARTÕES E SEM QUALQUER PAGAMENTO.

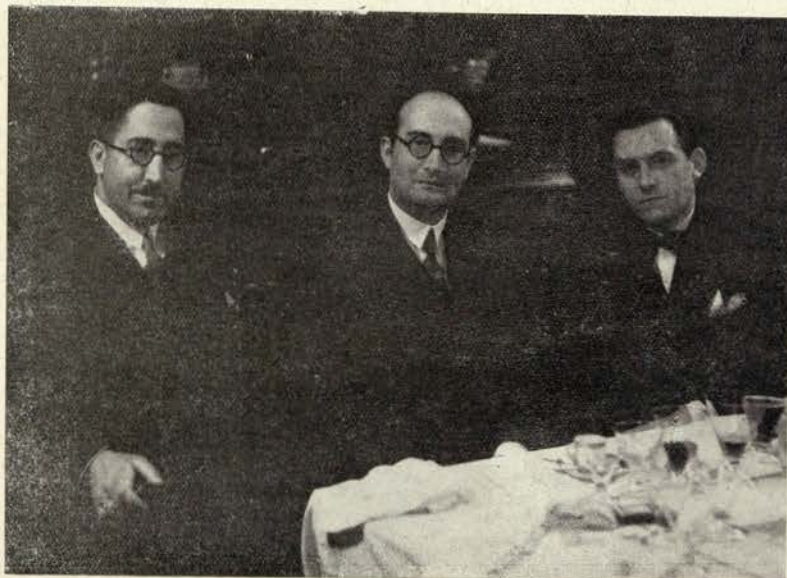
É inútil salientar o enorme interesse desta iniciativa, verdadeiramente digna da Agência H. da Costa.

Há muito que a imprensa da especialidade vem reclamando a realização dessas apresentações prévias, que se realizam regularmente em todos os países civilizados onde o cinema é encarado como uma das mais significativas manifestações da actividade pública.

mento das relações entre os membros da corporação cinematográfica portuguesa.

Temos dito mil vezes que o cinema é um espectáculo que não dispensa a mais perfeita solidariedade entre todos os que por ele se interessam, solidariedade que deve ligar o mais poderoso productor ao mais humilde dos espectadores, por intermedio dos técnicos, dos artistas, dos distribuidores, dos empregários exhibidores e da imprensa da especialidade. A única política que se compreende dentro do





A VISITA dos senhores ministros da Instrução, Obras Públicas e Comércio às instalações da Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm, na quinta das Conchas, no Lumiar, teve um aspecto absolutamente interessante e simpático. A impressão produzida em todos os presentes pelas demonstrações realizadas na tarde do dia 6 de Abril passado, foi a melhor, a mais agradável, a mais segura. O adiantamento das obras do estúdio, a presença dos camions portadores de geradoras electricas e de aparelhos de tomadas de sons e de vistas e o entusiasmo sincero e consistente dos organizadores e impulsadores desta importante iniciativa, que parecia tão inacessível para Portugal, deu a todos os que tomaram parte na visita e que presenciaram a estreia oficial dos novos aparelhos a confiança e a certeza duma realidade que não tem já na sua composição a menor partícula de sonho.

Agora já os cinéfilos portugueses podem dizer com segurança que o seu estúdio é uma linda verdade que eles já viram com muitas testemunhas e os olhos bem abertos. Portugal tem um estúdio, não há dúvida. Os portugueses podem fazer filmes seus na sua própria casa, com a sua intelligencia, a sua imaginação e podendo, dentro de pouco tempo, de pouquissimo tempo talvez, graças ao nosso extraordinário espirito de adaptação, prescindir inteiramente da colaboração técnica estrangeira.

O programa das próximas produções, elaborado já pela direcção da Tobis Portuguesa com o fim de se entrar numa imediata actividade, será todo de exteriores, escravizado como está ainda á falta de estúdio que só poderá principiar a funcionar dentro dum minimo de três meses.

Segundo nos comunica Leitão de Barros, director de produção da Tobis Portuguesa, esse programa deverá abrir com uma série de filmes culturais, sendo o primeiro deles imaginado e orientado pelo almirante Gago Coutinho. Como se pôde supôr, esse primeiro cultural será baseado nas grandes navegações transatlânticas.

Seguidamente deve realizar-se um documentário sobre as ruas de Lisboa dirigido pelo Dr. Agostinho de Campos, que decerto, melhor do que ninguém, neste assunto cumprirá excelentemente a sua curiosa e inesperada missão.

O terceiro destes documentários pôde-se classificar com mais propriedade de atracção sonora e deve sêr infalivelmente uma surpresa para toda a gente. A já muito ilustre poetisa e dramaturga Virginia Victorino, vai, pela primeira vez, cantar para o público, em frente do ouvido misterioso e indiscreto dos nossos aparelhos A-2-I.

A curiosidade excitada por esta atracção sonora deve ser enorme e com razão. Virginia Victorino tem admiradores e amigos em toda a parte. A ideia de ouvi-la cantar um dos primeiros ensaios sonoros da Tobis Portuguesa deve levar aos nossos cinemas alguns milhares de pessoas.

Dois culturais serão dedicados á orquestra infantil da Casa Pia de Lisboa e do Asilo D. Maria Pia, considerada a maior da Europa que, de colaboração com o orfeão infantil do asilo Nuno Alvares e sob a regencia do maestro Rui Coelho, executará alguns numeros de musica.

O ultimo que tambem deve considerar-se uma atracção sonora, da autoria dos irmãos Ruy e Afonso Correia Leite, intitula-se «Três rapazes e uma valsa».

Além destes documentários e atracções será tambem produzido um filme todo em exteriores, escrito e realizado pelo architecto e desenhador Cottinelli Telmo, o mesmo que de colaboração com o engenheiro da Tobis Francêsa, sr. Richard, traçou há menses o projecto do estúdio.

Mais tarde—que cedo será—logo que se encontrem terminadas as obras de construção do estúdio será então possivel iniciar-se o primeiro filme de fôlego onde se torna imprescindivel a utilização de interiores e para cuja acção foi escolhido o motivo tão popular e tão português do romance de Julio Diniz «As pupilas do sr. Reitor».

O programa parece-nos certo, bem pensado. Ficamos anciosamente esperando o primeiro cultural.

Depois da visita aos estúdios em construção, os convidados reuniram-se no exterior e fize-

O que se passou na inauguração oficial dos ESTÚDIOS da Sociedade Portuguesa de Filmes Sonoros

ram-se os preparativos para a estreia dos aparelhos. O engenheiro Paulo de Brito Aranha instalou-se no camião sonoro, o operador César de Sá tomou posse da manivela e Leitão orientou a operação. O Sr. Ministro da Instrução, que foi o primeiro a falar, elogiou eloquentemente a arte do cinema e os seus fins educativos e culturais, achando admirável a rapidez com que se desenvolveu a ideia da construção dum estúdio em Portugal, acabando por felicitar, nos termos mais gentis, o conselho de administração da Companhia e os seus dedicados colaboradores.

Num pequeno discurso, o sr. ministro do Comércio salientou principalmente o valor patriótico que tem este importante melhoramento e o prestígio que ele nos pode trazer. Concluiu também cumprimentando a direcção da empresa pela força de vontade e persistência admiráveis de que têm dado provas, com poucas palavras, relativamente, e muitos factos sólidos.

O vice presidente da comissão administrativa do município sr. coronel Carvalho Teixeira falou também, para fechar o ciclo dos discursos. Entre outras declarações interessantes participou que a comissão administrativa do município tinha decidido na sua última reunião isentar pelo prazo de cinco anos a Companhia Portuguesa de Filmes Tobis Klangfilm de qualquer espécie de licenças camarárias evitando assim á mesma Companhia uma preocupação que certamente lhe atenuaria as dificuldades financeiras dos primeiros tempos.

Estas actualidades sonoras, devem provavelmente ser exibidas em Lisboa e Porto dentro de poucos dias, oferecendo-se assim, desde já, ao público português uma prova real e palpável — embora se trate de imagens — da existencia em Portugal duma Companhia de Filmes Sonoros.

Viam-se no recinto dos estúdios bastantes pessoas convidadas e não convidadas, estas últimas habilitemente envolvidas no grupo dos visitantes, protegidos, de resto, pelos olhares complacentes dos organizadores. Reconhecemos entre outras pessoas de posição social, o almirante Gago Coutinho, Ministro da Instrução Pública, Ministro do Comércio, Industria e Agricultura, Ministro das Obras Públicas, major Oscar de Freitas, Inspector geral dos espectáculos, coronel Carvalho Teixeira etc. Algumas entidades representativas como Roque da Fonseca, da Associação Comercial de Lisboa,

Guilherme Cardim, pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, etc.

E todos se mostravam encantados pelo que viram e pela amabilidade da recepção, com o que aliás não fizeram favor nenhum. Na Quinta das Conchas sente-se, realmente, uma sensação invulgar em Portugal, país dos projectos e das instalações provisórias: o contacto com realidades definitivas.

«Animatógrafo», personificado por um dos seus redactores, também tomou parte na visita oficial aos estúdios do Lumiar. Leitão de Barros, sempre amavel, sempre elucidativo, não nos desamparou um só momento. Obrigou nos a acompanhá-lo para toda a parte, mostrou-nos os camions e a sua maravilhosa engrenagem, fez-nos compreender todos os detalhes da marcha dos trabalhos e afirmou a todas as pessoas a quem nos apresentava que «Animatógrafo» é a melhor revista portuguesa do seu género. Fi-

camos penhoradíssimos e aproveitamos a oportunidade para lhe pedirmos a sua valiosa colaboração que teria probabilidades seguras de interessar os nossos leitores.

O sr. dr. António da Fonseca também conversou por largo tempo com o nosso representante. Falou-nos, como bom economista que é, da excelente impressão que lhe tinha causado a generosa atitude da Camara ao isentar a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros de quaisquer despesas de licenças camarárias.

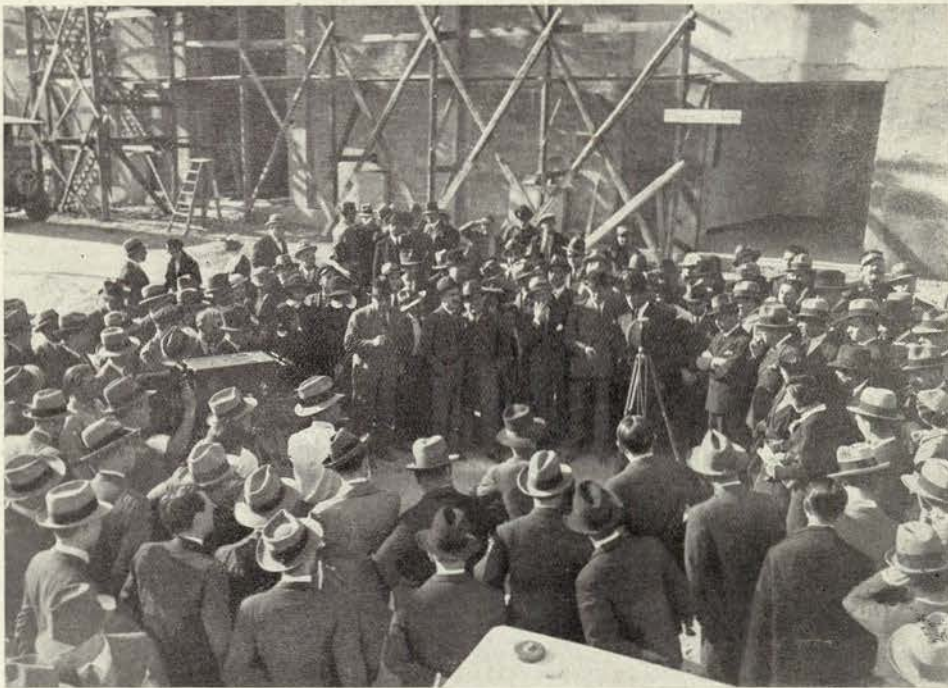
Nós concordamos. Achamos que rialmente era muito gentil e muito mais económico.

Conversamos ainda com o nosso velho amigo Cottinelli Telmo que nos falou acerca do seu filme de exteriores.

Já tinha título: «Meninas, vamos ouvir...» mas era segredo por enquanto. Nós prometemos que guardavamos o maior segredo e rialmente cumprimos a promessa.

Até agora não dissemos nada a ninguém...

ELLISSEN



Na página 8, de cima para baixo: Leitão de Barros director artistico da S. P. F. S. mostra aos Ministros os magníficos camions de tomada de vistas e sons. — O sr. dr. António da Fonseca, administrados-delegado da sociedade, recebe os ministros da Instrução, do Comércio e das Obras Públicas. Na fotografia vêem-se os srs. Almirante Gago Coutinho, Pedro Bordalo, Roque da Fonseca, Alfredo Vieira Pinto e Eng. Paulo de Brito Aranha, chefe do registo de sons. — Eng. Alvaro de Melo Gouveia, um dos construtores do estúdio do Lumiar, César de Sá, chefe dos operadores e Cottinelli Telmo, arquitecto da obra e realizador do primeiro filme, reunidos num almoço íntimo. Nesta página, o ministro do Comércio, Indústria e Agricultura faz a sua alocução ao microfone

COMO TRABALHA

FRITZ LANG

Fritz Lang nasceu realizador de filmes com o podia ter nascido músico ou poeta. O cinema corre-lhe nas veias com o viço e a regularidade do verdadeiro sangue. A sua inteligência e a sua cultura estão organizadas *cinematograficamente*, com a precisão e a nitidez dum bom *décorpage*. Basta conversar com ele meia hora para que a nossa admiração por ele seja igual á que sentimos pelas suas obras. Não exageramos, — temos a consciência firme de não exagerar — considerando-o o mais completo, o mais íntegro, o mais poderoso animador de imagens de ambos os continentes. A sua obra responde por ele em toda a parte, pujante de valor e segurança. É a única que reúne em proporções iguais as qualidades técnicas e artísticas exigidas ao espectáculo cinematográfico. Basta alinhar os títulos: *A Morte Cansada, O Dr. Mabuse, Os Nibelungos, Metropolis, Espiões, A Mulher na Lua, Matou!* Qualquer deles é uma maravilha incontestável, prodígio de grandiosidade e de exactidão.

Nenhum realizador tem como ele a consciência da importância da técnica. Pode mesmo dizer-se que reduz cada um dos inúmeros problemas que a realização de cada filme propõe ao realizador a um problema técnico. Compartilhamos em absoluto o seu modo de ver — o que em boa verdade nada adianta às convicções de Fritz Lang, mas é assim mesmo. No cinema, como em todas as artes, a técnica prevalece, sobrepõe-se a todas as coisas. Cinema não se improvisa. Não se faz cinema de inspiração, no sentido romântico do termo. A composição de cada figura, de cada cena, o diálogo e a montagem exigem uma meticulosidade escrupulosa.

Não pode desprezar-se o mais ínfimo pormenor. Os pormenores, vistos por *ce três subtil regard au verre*, na linda expressão de Epstein, adquirem no ecran uma importância capital. Fritz Lang sabe isso perfeitamente e disso cuida com um carinho que confina com o monomania. Durante a realização da *Mulher na Lua* vimos-o interromper várias vezes a filmagem dum cena para alterar por suas próprias mãos o penteado — ou, melhor, o despendeado... — de Gerda Maurus, cu as pregas dum cobertor. Vê-lo arrumar a famosa «mesa das beatas» que aparecia no sindicato dos mendigos

em *Matou!* — constitui um verdadeiro prazer espiritual.

Os intérpretes de Fritz Lang sujeitam-se dócilmente à tirania do mestre. Como os granadeiros de Napoleão, resmungam — mas seguem sempre em frente. É que eles sabem que Fritz, o bom gigante, vai mostrá-los sob o aspecto mais favorável para o seu renome.

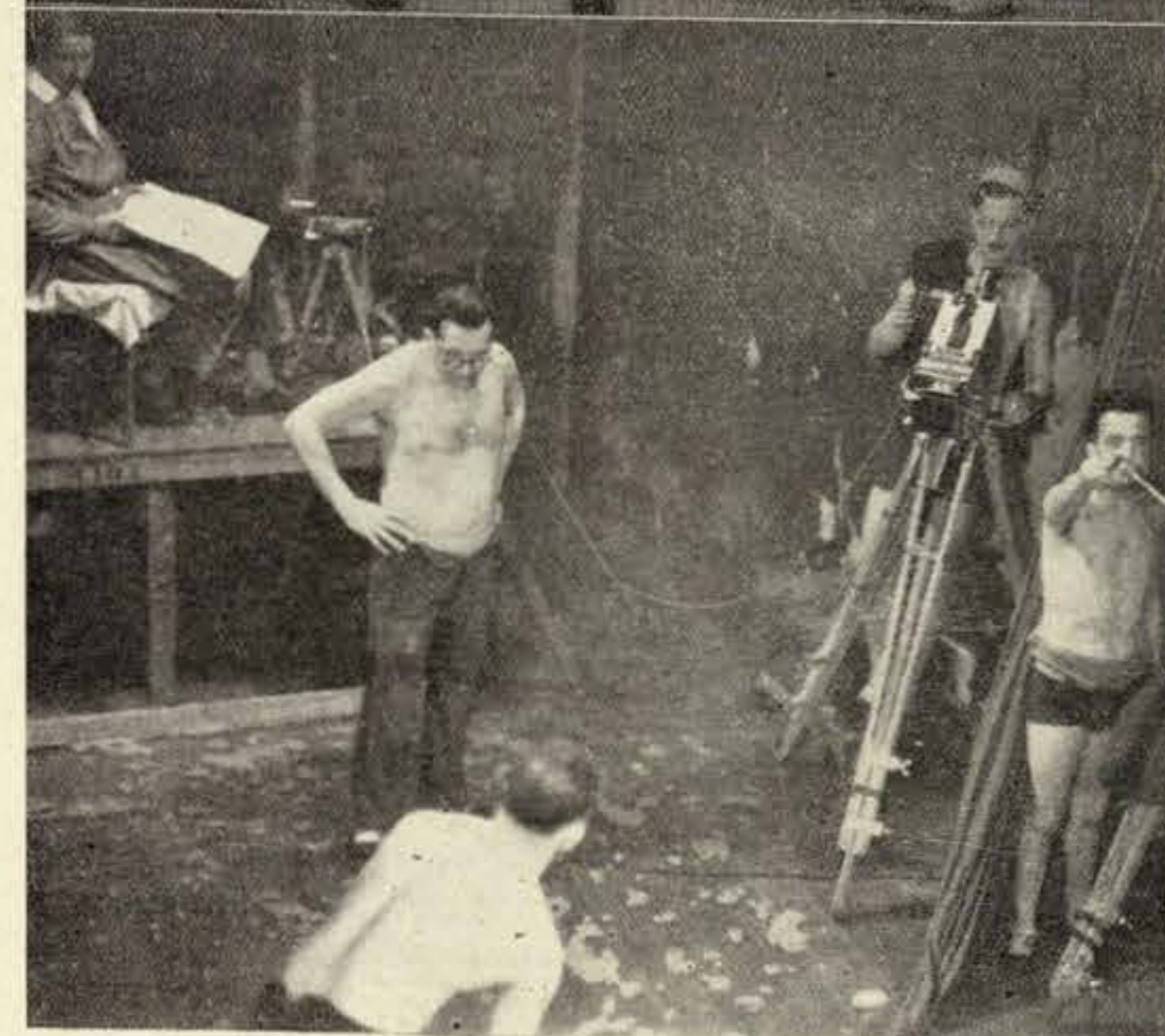
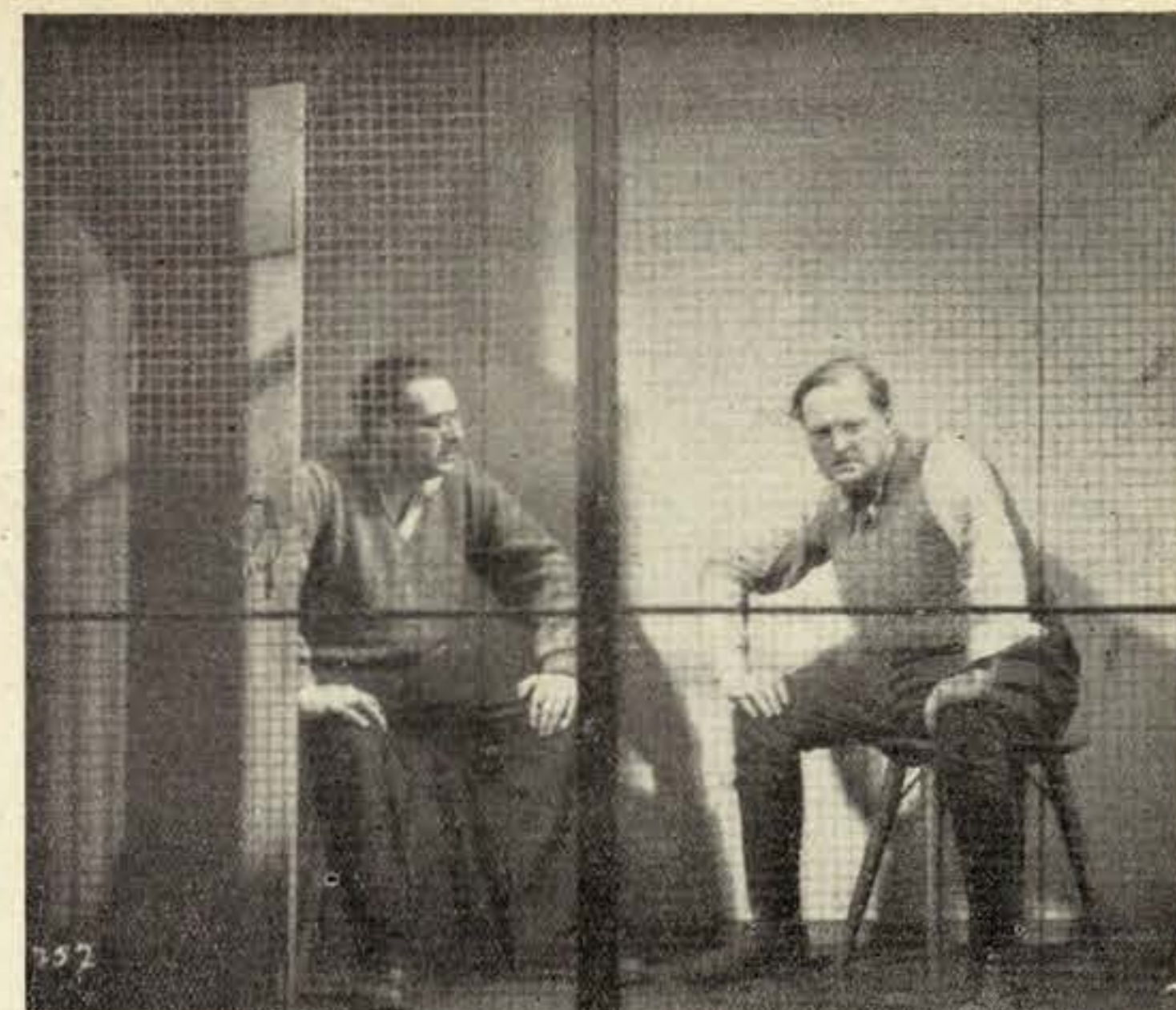
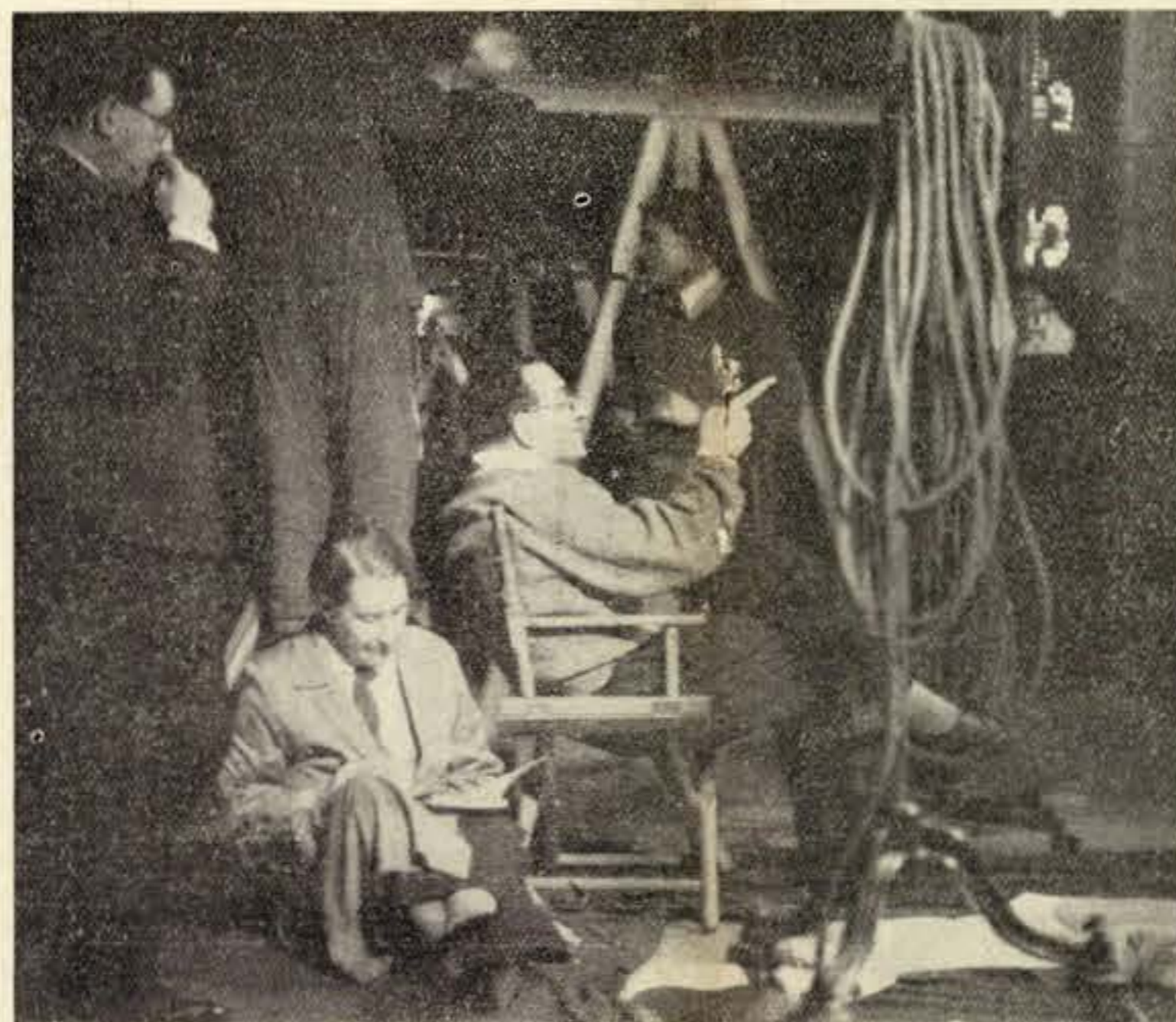
É conhecida a preocupação constante de Fritz Lang: mostrar nos seus filmes, sempre, caras novas. Tem o maior interesse pelos debutantes e deposita nêles maior confiança que nos artistas feitos. As suas *descobertas* conquistam prontamente a celebridade. Veja-se Lil Dagover, Paul Richter, Brigitte Helm, Gustav Frohlich, Gerda Maurus, Peter Lorre. E imediatamente deixam de interessá-lo. O seu último *achado* é Otto Weruicke, o espantoso Comissário Lohmann de *Matou!* Vamos vê-lo de novo no *Testamento do Dr. Mabuse*, interpretando o mesmo papel, ao lado de nomes inteiramente desconhecidos: Wera Liessen, Camilla Spira, Oskar Beregi, Rudolf Schündler, Karl Meixner.

Seria imperdoável não citar neste artigo o nome de Thea von Harbou, esposa e colaboradora constante de Fritz Lang. Todos os defeitos que certos críticos — principalmente críticos franceses — costumam apontar-lhe não conseguem destruir as suas extraordinárias qualidades, o seu invulgar sentido cinematográfico. Se é ela a responsável pela inconsistência de certos argumentos de Fritz Lang, também é a ela que ele deve em grande parte o melhor dos seus êxitos.

Sendo todos caracterizadamente alemães, os filmes de Fritz Lang não são pesados nem maquados. Possuem uma leveza que lhes vem do cuidado com que são compostos, leveza que não é incompatível com a solidez.

As obras de Fritz Lang, verdadeiros prodígios de técnica, conseguidos à força de método e de perseverança, são sólidas e duradoiras. Ficam na história do cinema a assinalar um dos mais conscienciosos e perfeitos artistas que a serviram com o seu talento.

A. L. R.





A fachada dum dos maiores cinemas da "Ufa", em Turnstrasse (Berlín), onde o contemplado com o grande prémio de "Animatógrafo" assistirá a um espectáculo

Berlim

a mais europeia das capitais da Europa, vai ser visitada por um dos nossos leitores!

O nosso concurso continua despertando o maior interesse. Todos os dias nos chegam pedidos de assinatura. E o caso não é para menos. Além do valor que a revista tem para os leitores, há que considerar o valor dos prémios que oferece aos seus assinantes.

O primeiro, oferecido pela Agência Cinematográfica H. da Costa Ltd., pode realizar uma das maiores aspirações dos cinéfilos: iniciar-se nos mistérios da cinematografia, visitando estúdios, assistindo a filmagens, vendo trabalhar os realizadores, os operadores e os artistas.

E, além disso, ir a uma capital magnífica, com os seus monumentos, as suas ruas, as suas diversões!

Esse primeiro prémio é:

UMA VIAGEM A BERLIM, COM DIREITO A UMA ESTADIA DE 6 DIAS NUM HOTEL DE PRIMEIRA ORDEM, VISITA AOS PRINCIPAIS CINEMAS E MONUMENTOS DA GRANDE CAPITAL, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, A HOLLYWOOD EUROPEIA.

Este prémio, o mais valioso de todos os que em Portugal se têm oferecido em concursos similares, tenta decerto o mais ambicioso.

E os que se lhe seguem, em número superior a DUZENTOS, não são simples prémios de consolação.

O segundo prémio é UM RECEPTOR RADIOFÓNICO «STEWART WARNER», circuito super-heterodino modelo 1933 oferecido pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

O terceiro prémio é UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecida pela casa Amador Fotográfico, de Rôiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

Os restantes prémios são constituídos por máquinas fotográficas, gramofones, discos, perfumes e produtos da Fábrica Nally, retratos autografados pelas grandes vedetas de cinema, entradas para os cinemas de Lisboa, do Pôrto e da Província, etc., etc., etc.

Para concorrer, basta assinar «Animatógrafo»

Cada assinante receberá pelo correio um cartão *pessoal e intransmissível* com o número de ordem que lhe corresponde. Esse cartão, além de outras vantagens que serão oportunamente anunciadas — descontos em cinemas, entradas em espectáculos promovidos pelo ANIMATÓGRAFO, bonus em importantes estabelecimentos etc. — habilita automaticamente ao sorteio dos referidos prémios, que se efectuará no dia 13 de Junho (Dia de Santo António) numa sessão especial que se realiza no Central, o elegante cinema dos Restauradores.

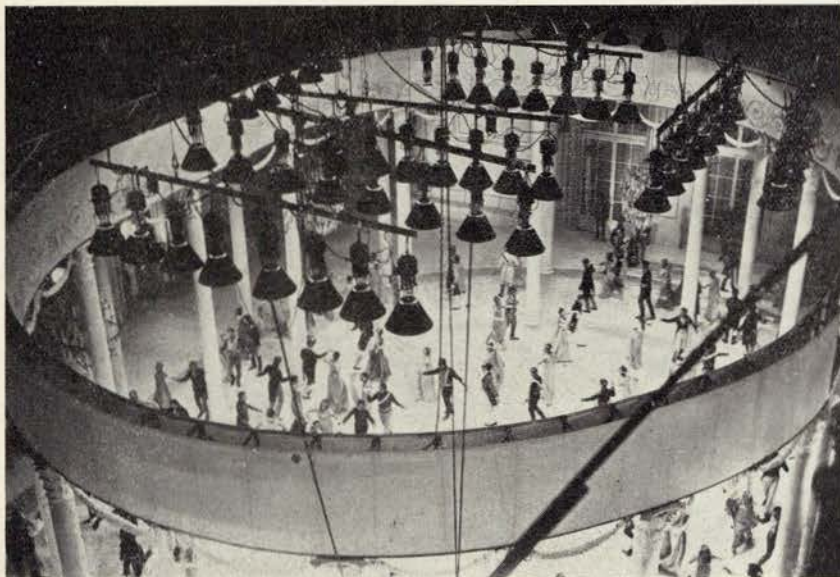
Até à véspera do sorteio, portanto até 12 de Junho deste ano, todos podem habilitar-se. Basta assinar a nossa revista, por três meses, seis meses ou um ano.

Além dos prémios, descontos, etc. a assinatura reduz em 20 por cento o custo de cada número.

Além dos prémios, descontos, etc. a assinatura reduz em 20 por cento o custo de cada número.



Os estúdios da "Ufa" são não só os maiores e os mais bem apetrechados da Europa mas nada ficam a dever aos de Hollywood. À esquerda vê-se um aspecto geral do famoso baile do Congresso que dança, tal como o veria o leitor premiado... se "Animatógrafo" se publicasse há dois anos



Os Gangsters invadiram Hollywood

por GUEDES DE AMORIM



Sacha

Marlene Dietrich não receia os gangsters que ameaçam raptar-lhe a filha

EM volta do Cinema correm constantemente assuntos que uma vez revelados, ou com nitidez geral, ou com profusão de promeiores, fazem abrir no rosto do leitor um sorrisinho irónico, muitas vezes de descrença, levando-o a classificar injustamente: «mas isto é demasiado cinematográfico...»

Pois bem. Assunto cinematográfico é este, que dá vida a este artigo, e nem por isso deixa de ser verdadeiro. É é cinematográfico justamente por girar em torno dos habitantes de Hollywood; e é verdadeiro por ser justificável, directa ou indirectamente, isto é, pelos que conhecem a vida da capital do cinema *in loco* ou a apreciam através da tagarelice da imprensa universal.

E, visto que já lhes anunciei a autenticidade da essência informativa deste artigo, quero perguntar-lhes se acreditam ou não na existência dos *gangsters* americanos. Poucas respostas afirmativas, certamente. Os europeus vêm na distante América uma inesgotável fonte de roubos, de mentiras, de excentricidades. Lembra-me bem, até, quando eu traduzi para o nosso idioma o celebre livro de Edgar Powel — «Al Capone, rei dos bandidos de Chicago» —, ter recebido entre muitas cartas anónimas, que punham em dúvida a linha vertebral do livro, uma traçada com firmeza, acusando-me de ter eu próprio imaginado a obra, criando e agitando na cenografia vertical de Chicago os dramas dos *gangsters*. Sorri-me, lisongeados como não podia deixar de ser, visto que o «amável caluniador» confiava sobremaneira no meu poder imaginativo. Tudo isto é individual, invulgar, pecando, evidentemente, da descrença tacanha que é própria de muitos portugueses... Os *gangsters* existiram, existem hoje, continuarão, mesmo, existindo pelos tempos além. A civilização *yankee*, força motriz de renovações morais, criou esse moderno tipo de saiteador, como criou outros modelos de audaciosos, em consequência da sua ânsia nacional de dinheiro e de ineditismo. A obra dos *gangsters*, desde os assaltos a Bancos até ao rapto de menores, não é pois uma novidade, não pode ser considerada como novidade. Ela tem-se verificado, entre o grasnar das metralhadoras e sobre montes de cadáveres, em todas as cidades americanas. Os seus crimes, cinzelados a fogo, alastram por todas as ruas da América do Norte. Até há pouco tempo, porém, por razão desconhecida, os *gangsters* pouparam Hollywood á sua sanha criminosa. Qual o motivo que os levaria a essa espécie de enigmática consideração pelos habitantes da capital do cinema? Seria o receio que os mantinha a distância? Ao certo nada se sabia. Fôsse qual fôsse, porém, a razão da ausência dessas visitas nada desejáveis, o certo era que «astros» e «estrelas» seguiam o seu curso tranquilamente, sem sobressaltos, sem perigos de morte... Uma tarde, contudo, uma tarde de ha poucos meses apenas, deu-se o primeiro roubo audacioso no centro de Hollywood: A's duas horas da tarde, á saída de casa, a bellissima Marion Dawies, que gosa da fama, justificadissima, de ser uma das artistas mais ricas, foi assaltada por um *gangster* que, ameaçando-a com uma *browning*, lhe exigiu a entrega imediata de um anel, valiosa prenda de família

avaliada em um milhão de dolares. A artista, galvanizada de pavor, caiu ao chão vítima de uma síncope. Tentou ainda o bandido apoderar-se da famosa joia. Vendo, porém, que a situação lhe oferecia perigos imediatos, afastou-se. No dia seguinte, contudo, Marion Dawies recobria dentro de uma caixa uma bomba, com o seguinte aviso: «O anel ou a morte». A artista preferiu conservar a vida, enviando a determinado local a joia que o *gangster* ambicionava. As lágrimas, que durante muitos dias se conservaram nos olhos da actriz, encarregaram-se, depois, de anunciar e difundir por toda a *cosmopolis* do cinema americano, que



Conta-se que Betty Compson se apaixonou pelo seu detective particular. Um verdadeiro tema para fita em séries, de que Betty foi uma das mais queridas herotas

os *gangsters*, corridos de outras cidades, batiam ás suas portas.

Registou-se então, o pânico maior de Hollywood. Enquanto a policia, em brigadas reforçadas, tomava as grandes artérias, vigiando os monumentais *studios* e acompanhando as crianças á entrada e saída das escolas, actores e actrices, fóra ou dentro de casa, mantinham-se trementes e permanentemente inquietos com os menores ruidos, empalidecendo ao ouvir a cam-

pinha da porta ou a do telefone, ao mesmo tempo que ordenavam aos seus criados que não permitissem a entrada a pessoa nenhuma estranha, fôsse sobre que pretexto fôsse.

Este estado de espirito colectivo gerou, como não podia deixar de suceder, as cenas mais alarmantes, ao mesmo tempo que fazia pensar, cada um de por si, no meio de se defender, através das suas horas de trabalho e de repouso.

Marlene Dietrich, a famosa mulher ideal, ao ser avisada de que os *gangsters* lhe raptariam a filha se ela não lhes desse 20 mil dolares, decidiu-se, energeticamente, por uma formal recusa. E fez os seus preparativos de defeza: Forrou o seu carro com espessas chapas de aço, instalando nêle uma metralhadora, ao mesmo tempo que ordenava ao seu *chauffeur*, homem de toda a sua confiança, que se armasse devidamente. E assim apetrechada, saiu para a rua, voltando a fazer a sua vida de mulher e de artista: visitas, jogos de *golf* e de *tennis*, trabalho, estudo e actividade prática.

Intimidados ou não com o desafio de Marlene os *gangsters* tem-na deixado até agora em paz. Contudo, enquanto a protagonista do «Expresso de Xangai» gosa de uma tranquilidade absoluta, muitos dos seus colegas vão sofrendo as arremetidas dos modernos ditadores do roubo e da morte.

Aí vai, por exemplo, um cortejo de nomes de «astros» e «estrelas», dos que ultimamente têm sido victimas das proezas dos *gangsters*: Stan Laurel, cinco vezes ameaçado de morte, decidiu-se por fim a esportular a bela soma de 10 mil dolares. Este método terrorista — «a bolsa ou a vida» — é o mais empregado por êsses imperadores da criminologia. Victor Mac Laglen tornou-se, por exemplo, a certa altura o alvo desses bandoleiros modernos. Ameaçaram-no, exigiram-lhe grandes somas. Mac Laglen resistiu. Um dia, foi alvejado numa perna com um tiro de revolver. Ao outro dia, abatida a sua resistência, pagava a importância exigida, ficando livre, sabe-se lá por quanto tempo!...

Após o rapto do filho de Lindberg, que o mundo acompanhou com interesse e assombro, os *gangsters* que imperam em Hollywood decidiram-se a imitar o feito dos raptadores do filho do celebre aviador, pondo instantaneamente em acção as suas faanhas.

Harold, o celeberrimo Harold, que é tão bom pai quanto é notavel cómico, foi durante dias e dias assediado pelos fantasmas do crime, que se propunham roubar-lhe o primeiro filho. Todos os dias, durante mais de um mês, Harold recebia pelo correio avisos de extermi-

GANG!

«Scarface», o prodigioso filme de Howard Hawks, deu-nos o panorama alucinante do banditismo americano, misto de audácia e de cobardia que macula a humanidade. Abollida a lei sêca, a formidável organização do gang americano precisa de exercer autrement a sua actividade. E pensou em Holly-



AS RAPARIGAS DA CAPA

MARY CARLISLE

Os americanos têm por costume, quando pretendem impôr qualquer novo artista, tornar conhecido o seu nome através duma intensa e prévia campanha de publicidade.

E' o que hoje a «Metro» está fazendo com respeito à sua jovem e encantadora pupila Mary Carlisle. Mary, com os seus dezoito anos perenes de raizosa frescura e gracilidade, está agora atravessando essa fase por que passaram já Anita Page, Karen Morley, Madge Evans, etc.

Assim, conquanto só tenha aparecido em curtíssimos bits de vários filmes saídos dos estúdios de Culver City, isso não impede que o seu nome seja já hoje conhecido, ainda que, a bem dizer, sómente através das magníficas fotografias de publicidade com que pródigoamente são presenteados os jornais da especialidade. Mas do mal, o menos.

E' que assim vamos podendo admirar a gentileza, a graça, a beleza de Mary Carlisle, a quem não duvidamos que esteja reservada, num futuro mais ou menos próximo, uma situação de destaque no cinema americano.

MADGE EVANS

Madge Evans não é uma estreante. Muito pelo contrário. Apesar dos seus escassos vinte anos, é, em boa verdade uma das mais velhas artistas do cinema, uma autêntica veterana dos estúdios.

Em 1918, quando a «Fox» lançou a sua célebre série de filmes infantis, de que Virginia Lee Corbin e Francis Carpenter eram as vedetas—muitos, por certo, não esqueceram ainda Fanfan, que o Condes exibiu há mais de dois lustros—Madge Evans era também uma das artistas de palmo e meio que nêles aparecia.

Anos decorridos, em 1930, após uma longa ausência dos estúdios, Madge Evans voltou de novo aos seus antigos amores—o cinema. Começando por jugádas aparições, Madge passou a ser uma das artistas mais utilizadas do lot da «Metro». Foi a partenaire de Clark Gable em Puro Sangue, de Lionel Barrymore em Mãos Culpadas, de Ramon Novarro—que tem nela a sua leading-lady predilecta—em Filho da Índia e The Impossible Lover.

Madge Evans—nascida a 1 de Julho em Los Angeles, cidade que se orgulha de ter sido, muito antes de Hollywood, a capital das imagens—tem olhos azuis e cabelo castanho e está solteira.

nio. Quando nasceu o seu segundo filho, durante mais de uma semana a casa esteve guardada pela polícia; e presentemente, não sai à rua, tanto nas horas de trabalho como nas de passeio, a não ser acompanhado por dois policiais.

O médio, na actualidade, está em Hollywood acompanha todos os habitantes de Hollywood. Helene Costello, Marian Vixou, o pequeno Jackie Cooper, Jackie Oakie, Betty Compson e tantos outros actores e actrizes deram de há muito tempo a esta parte em andar acompanhados de detectives privativos, que, se os não livram de morrer, pelo menos tranquilizam-lhes o espirito.

Hoje, o *touriste* que atravessa as ruas desafogadas da capital do cinema americano, ao ver os artistas mais conhecidos seguidos de policiaes, supõe assistir a um ensaio de qualquer filme policial. E a ilusão é completa. Mais do que nunca, com a verdade, com a trágica verdade, se realiza o filme da vida.

GUEDES DE AMORIM

NEM TUDO O QUE LUZ É OIRO...

Nem todas as estrêlas que os leitores conhecem são ESTRÊLAS!

Para a grande maioria, qualquer artista de cinema com um certo nome é uma «estrêla» ou um «astro», conforme o sexo. Os americanos não fazem essa distinção. Chamam indiferentemente *star* aos actores e às actrizes. Mas não a todos.

Na complicada organização cinematográfica americana as categorias dos artistas estão bêm definidas e separadas, cabendo a cada uma determinados privilégios que os da categoria inferior já não possuem. A «classe» superior é a das *stars*, uma verdadeira *élite*, constituída, como todas as *elites*, relativamente por poucas pessoas. São mesmo muito poucos os artistas que se podem gabar de ser «estrêlas». Mais adiante aontaremos os nomes dos que hoje o são, mas antes vamos vêr algumas das regalias de que gozam e qual a maneira prática de saber se determinado artista é «estrêla» ou não.

A parte o maior valor do ordenado que os seus contratos necessariamente lhes atribui, um dos principais privilégios que lhes é concedido, é o seguinte: nunca uma «estrêla» é obrigada a interpretar um qualquer papel de um qualquer argumento, como normalmente acontece com os outros artistas. Um, com um *star* só interpreta filmes especialmente escolhidos para si. Os argumentos desses filmes são escritos ou «arranjados» de forma a que *servam* a personalidade do artista que os deve interpretar. Têm como obrigação restrita pôr em destaque a figura incarnada pela «estrêla» e devem proporcionar-lhe o maior número possível de ocasiões em que ela possa fazer valer os seus encantos ou os seus méritos.

Podemos apontar como filmes-exemplos desta regra, *Monsieur Beaucaire* de Rudolfo Valentino, a *Tortura da Carne* de Jannings e o *Pecado de Madelon Claudet* de Helen Hayes. Quere dizer, que, segundo este sistema, se dá maior consideração ao actor que ao próprio filme, à própria obra. Mas é agora a ocasião para discutir os prós e os contras de semelhante maneira de vêr. Simplesmente se aponta o facto.

A maneira mais prática de saber se determinado artista é ou não *star*, está na leitura dos cartazes que anunciam os filmes ou os titulos com que a sua exhibição é começada.

Assim, por exemplo, o filme *Romance* foi anunciado sempre:

Metro Goldwin Mayer
apresenta
GRETA GARBO
em
«ROMANCE»

A posição que o nome de Greta Garbo ocupa neste cartaz indica logo que ela é «estrêla». Se o cartaz dissesse: «M. G. M. apresenta *Romance* com Greta Garbo» podiamos concluir sem receio de engano que a famosa sueca não tinha ainda foros de *star*.

Como vêem não há nada mais simples. Mas vamos agora ao que interessa mais directamente a esta crónica:

Quais são actualmente as autênticas «estrêlas»? Publicaram há pouco uma lista oficial desses felizardos e dessas escolhidas da sorte. Vamos transcrevê-la para que fiquem inteiramente elucidados.

A Metro Goldwin tem hoje Jezassete «estrêlas», a saber: Greta Garbo, Joan Crawford, John e Lionel Barrymore, Wallace Beery, Norma Shearer, Clark Gable, Ramon Novarro, Marie Dressler, Jean Harlow, Robert Montgomery, Helen Hayes (a *Madelon Claudet*), Buster Keaton, William Haines, Jackie Cooper, o miúdo do *Campião*, John Gilbert e Marion Davies.

Laurel e Hardy são «pequenas estrêlas», mas, mais dia, menos dia, devem ser «estrêlas» autênticas.

A «Paramount» tem ultimamente despedido muitas «estrêlas», por isso já hoje não pode apresentar um conjunto tão brilhante como outrora.

Nesta altura conserva só quatro grandes nomes: Marlene Dietrich, Chevalier, Frederic



Georges Bancroft não é uma estrêla...

March e os Marx Brothers, que nos divertiram há pouco com *Agulha em Palheiro*.

A Rádio tem como «estrêlas»: Richard Dix, Ann Harding, Constance Bennett, William Boyd, Wheeler e Woolsey (os cómicos do *Rio Rita*), Helen Twelvetrees, Katharine Hepburn e Irene Dunne.

Constance Bennett está numa situação especial: é «estrêla» de duas companhias, da Rádio e também da Warner Brothers.

Nesta são ainda «estrêlas»: George Arliss, William Powell, Barbara Stanwyck, James Cagney, Douglas filho, Kay Francis e Paul Muni, o Tonio Camoute do *Scarface*.

Na First National as «estrêlas» são: Richard Barthelmess, Ruth Chatterton, Joe E. Brown, Edward Robinson, Warren William e Loretta Young.

A Columbia tem só três: Jack Holt, Constance Cummings, que trabalhou com Harold no *Louco pelo Cinema*, e Evalyn Knapp.

A United Artists distribui filmes das seguintes estrêlas: Mary Pickford, Douglas Fairbanks, Gloria Swanson, Al Jolson, Ronald Colman e Eddie Cantor.

A Universal hoje está sem «estrêlas», mas em compensação a Fox tem contratado bastantes nos últimos tempos: Clara Bow, Lilian Harvey, Henry Garat, Janet Gaynor, Will Rogers, Warner Baxter, James Dunn, Sally Eilers, Spencer Tracy, John Boles e Elissa Landi.

Certamente ficaram espantados por verem entre as «estrêlas» nomes que não conhecem e por lá não encontrarem alguns dos seus artistas predilectos. O primeiro caso explica-se porque nem todos os filmes americanos vêm até nós. Mas para o segundo a explicação é outra: alguns desses artistas já foram «estrêlas», mas hoje já o não são, e outros ainda lá não chegaram, embora desempenhem muitas vezes papeis de destaque. Isto explica-se, porque os principais papeis são distribuídos por duas categorias de actores: a das «estrêlas» e a dos *featured players*, a da categoria imediatamente superior.

ANDRÉ MASSIL

Animatógrafo

CRÍTICA

I. F. 1 não responde!

de ERICH COMMER e KARLHARTL

(I. F. 1 ne répond plus)

Esplêndida a ideia-base deste filme! Uma ilha flutuante no meio do Atlântico, eis um assunto digno do cinema!

Mais: eis uma coisa que só o cinema pode impôr.

Pena foi que o argumento que foi chamado a servi-la não tivesse as mesmas qualidades.

O início é bom, tem imprevisto. Mas desde que a ilha se constrói, fraqueja. Surge a «tentativa criminosas», depois a corrida ao salvamento e pronto. Toda a emoção é procurada pela dúvida de se se chegará tarde ou não — o que já não é novo. Também novo não é o conflito amoroso: dois amigos amam a mesma mulher, sacrificando-se a quem ela despreza.

A realização podia ter tirado melhor partido de certos pedaços do assunto. A construção da ilha — esse trabalho ciclópico — é nos mostrada por meia dúzia de sobreposições sintéticas, processo muito do agrado dos alemães, mas já *démolé* por banalizado, e que não dá, de modo nenhum, a ideia do esforço brutal que a empresa demandava. Também não fazem sentir a passagem dos dois anos e a volta de Ellissen ressentido e disido.

Há ainda no filme umas dúzias horas elásticas, pois duram pelo menos quarenta, que é de admirar como escaparam à atenção dos autores.

Tudo isto, porém, embora diminuindo o filme, não lhe tira no entanto o direito a ser considerado uma grande obra, e principalmente pelo que rasga de grande e belo nos horizontes dos espectadores. Os planos da ilha, em especial os da plataforma, apesar de humildes, nunca se apagarão da nossa memória.

Merece especialíssimo destaque a interpretação do extraordinário Charles Boyer, verdadei-



ramente impecável. O seu Ellissen fica *existido* E' uma figura que se mantém, que ha-de resistir ao tempo.

Jean Murat bém. Para o papel de Nora era indispensável uma mulher com uma expressão inteligente e enérgica — Danièle Parola é só bonita. No segundo plano salientam-se Piérade e Pierre Brasseur. Estes dois artistas nunca podem passar despercebidos.

Um momento feliz e bem característico da nossa época: a conversa entre Berlim e a ilha pela T. S. F.

I. F. 1 não é um filme de antecipação, no género do *Metropolis*. O caso que foca está dentro das actuais possibilidades técnicas. E' isso afinal o que o filme quer significar. Isso, mas com uma pequena particularidade: dentro das possibilidades técnicas *alemãs*. Porque o filme é, acima de tudo, a apoteose da industria alemã. E não deixaram de marcar a má-vontade ou a inferioridade dos outros: o criminoso é polaco (Damski), o navio que devia ir buscá-lo é francês (L'Alouette), o avião em que Ellissen falha a volta ao mundo sem escala, francês é também.

O Rei dos Vigaristas

de SAM WOOD

(Get-Rich-Quick Wallingford)

Ora finalmente voltamos ao bom tempo das incomparáveis comédias americanas! Uma história engraçada, intérpretes ideais e muito movimento, movimento a ródos, litros de movimento!

Assim, sim!

As aventuras da pitoresca quadrilha de vigaristas que o impagável William Haynes comanda, foram-nos contadas com um *entrain* endiabrado, com um sentido cinematográfico a que inúmeras *talkies*, das «100 oje», nos tinham há muito desacostumado. As cenas sucedem-se rápidas, sucintas, sem darem tempo para se tomar leógo. O ar apressado, *affairé*, de que os três heróis andam sempre possuídos, ainda contribui para reforçar a impressão de rapidez dada pela montagem.

E a aventura vai-se desenrolando fulminantemente, lógica dentro do disparate, cheia de *trouvailles* felicíssimas e de imaginação. Tiveram mesmo o tacto de não caírem no melodramático quando tratam a regeneração. Bastou um pouco de fantasia e não tomarem o caso muito a sério, para se salvarem d'esse passo perigoso.

Os intérpretes rivalizam entre si na naturali-



dade, apostados em bem representar. A cabeça William Haynes e à sua volta Ernest Torrence, Jimmy Durante, Guy Kibbee, Leyla Hyams — todos ótimos, todos no «tom» necessário.

Enfim, este filme veio reatar as tradições gloriosas das comédias americanas, com a sua despreocupação, o seu movimento, até a sua alegria. Agora ficamos esperando por mais.

A realização é de Sam Wood.

O Azul do Céu

de VICTOR JANSON

(Der Blau der Himmels)

A ideia geral deste filme era esplêndida, capaz de dar um outro *Dois num automóvel*. Mas não a souberam aproveitar. Mesmo na primeira parte do filme, nas cenas da estação do metropolitano — as mais felizes da película — podiam ter tirado muito mais partido de tudo quanto a ambiente proporcionava.

Mas onde falharam lamentavelmente foi nas cenas ao ar livre, em especial nas cenas do ar.

O argumento prestava-se para se fazer uma dessas deliciosas fantasias musicais em que Pommer é mestre, e afinal ficaram pela comédia, à parte um ou outro momento. Na estação do «metro» anda por vezes deram largas à fantasia, embora discretamente, com medo de se compro-

meterem. Mas no resto, sente-se uma falta de imaginação aflitiva.

Podiam ter feito no ar o que Joé May fez em terra, na viagem dos *Dois num automóvel*. O título até nos deu uma sugestão nesse sentido. Afinal o azul do céu é... azul-escuro, porque quasi só voam de noite.

Dos intérpretes, Martha Eggert está bem. Tem uma linda voz, uma linda figurinha, mas gostámos mais de a ver no *Ein lie*, em *Kiss*, em *Madel*.

E não é ela ainda que há-de desbançar, ou mesmo substituir, a Lilian Harvey.

O galá é velho e *trapu* em demasia. Gostámos bastante do empregado da «metro» cuja fantasia merece vir a ser aproveitada. E gostámos muito do garoto.

A música, de Paul Abraham, agradável, mas não faz esquecer a de Robert Stolz. Quanto ao realizador, Victor Janson, merecia palmatoadas.

Actualidades

Continua a escassez. Dir-se-ia que lá por fóra corre tudo na mais massacrante monotonia, sem que qualquer acontecimento, mesmo banal, a quebre. Em quatro programas, só um continha «actualidades». E mais que pouco. E pouquíssimo.

E mesmo essa única «actualidade» só nos mostrou um único acontecimento, o que também é pouco. Verdade seja que o fez por forma a merecer os mais vagados elogios.

Foi a Pathé (Jornal Sonoro n.º 71) a autora dessa «actualidade» excepcional. E tanto mais excepcional quanto é certo que o assunto focado não é positivamente dos mais originaes.

Tratava-se do lançamento à água do Normandie, o novo paquete franléz, que fica sendo o maior do mundo com as suas 75.000 toneladas. Pois de semelhante assunto souberam fazer um filme variado, interessante, e por maneira tal que renovaram o já estafado tema. Também, arriscaram-se a esgotá-lo, afóra qualquer caso mais especial.

Desenhos animados

O AZ DA BOLA — Não sabemos quem é o autor deste desenho-animado. O herói é um ratinho, irmão bastardo do Mickey. O autor deste filme mostra que não está muito seguro da técnica especialíssima do género, mas prova que tem imaginação. Certos planos do estado nas mãos de Walt Disney deviam ficar um monumento!

UMA VIDA AZIAGA — WHAT A LIFE — de Ub Iwerks. Um dos bons desenhos que temos visto ultimamente. Muito melhor realizado que os últimos Iwerks e batendo-os também de longe em fantasia.

Alguns dos seus gags são absolutamente irresistíveis. O que mais nos divertiu foi o das pulgas. Quatro pulgas mergulham de cabeça no pelo de um cão e quando de lá saem vêm de casacos de peles, satisfelissimas.

NO PAÍS DOS FARAÓS. *Gypped in Egypt* — (Fábula de Esopo), outro esplêndido desenho-animado. Os desta série não costumam ser famosos, mas este é mesmo. O'tima a ideia geral, ótimas as ideias secundárias e ótimo o desenho. E além de tudo isto é mais comprido do que é costume!

Documentários portugueses

VILA DO CONDE — O Mosteiro de Santa Clara e Igreja Matriz mostrados nos velhos moldes. Entre-meados alguns aspectos típicos da terra e seus costumes. Um dos «100 metros» negregados, em suma — é está tudo dito.

ESCOLA DE PAIÁ, da Lisboa Film. Operadores Cesar de Sá e F. A. Quintela — Se não fosse este filme continuaríamos ignorando que a Escola de Paia manda no verão para a praia do Guincho uma porção grande de rapazes, que lá vivem acampados, semi-nus, a armarizar saúde. O filme tem boa fotografia e foi bem cinematografado. E' pena por vezes insistirem demasiado em determinadas cenas.

CHEGADA DO «GONÇALO VELHO», da Lisboa Film. Operador F. A. Quintela — Ótimo documentário, uma verdadeira «actualidade». O acontecimento muito bem tratado, com desembaraço. A fotografia primorosa. Temos em Quintela, certamente um belo operador de «actualidade».

CINCO MINUTOS NA NEVE. Operador Aquilino Mendes — Bom «100 metros», agradável e bem fotografado, principalmente as paisagens. A há mesmo momentos muito felizes. E' pena não terem mostrado mais aspectos da serra. Mas valia isso do que repetirem as mesmas coisas.

As legendas de Mota da Costa com pretensões a estilo. Não há maneira de se convencermos que a primeira qualidade das legendas é a simplicidade. Ou melhor — a primeira é a perfeição gramatical. Mas a simplicidade vem logo a seguir.

Farsas

A PÉROLA DA ESQUADRA de Warren Lowe, com Charley Chase e Edgar Kennedy — já temos visto muito melhores farsas destes cómicos, que por vezes sabem ser excelentes. O assunto desta foi emprestado ao tema habitual das de Slim Summerville, mas não souberam aproveitá-lo como este o faz. No entanto tem momentos engraçados, principalmente no principio...

Culturais

A VIDA DAS ERVILHAS, da British. Simplemente admirável este pequeno filme. Admirável de interesse, admirável pela técnica, admirável como documentário. E depois que fotogénicas que são as várias partes da planta, aumentadas pela objectiva!

Atracções

VARIEDADES SONORAS N.º 1 DA «AFA» — Alguns números de music-hall para entreter. Quanto aos bons, como o primeiro, está bem mesmo assim. Mas nos outros, tinha valido a pena valorizá-los com mais umas «maingenciarias» cinematográficas...

D. M.

O Mistério do Avião Correio

de RAY TAYLOR
(The Air Mail Mystery)



Esses que voltam as fitas em séries, depois de um interregno de vários anos, e agora enriquecidos com o som.

Esta, que nos veio anunciar a nova era das

Flôr da Paixão

de WILLIAM DE MILLE
(The Passion Flower)

Ficamos sem saber qual a razão porque este filme se chama assim. Mas consola-nos a certeza de que os autores de semelhante título também a não sabem.

Pois esta *Flôr da Paixão* está já bastante murcha. Nem admira, visto que é de 1930.

A idade revela-se pela abundância torrencial dos diálogos e pela influência da mecânica teatral de que sofre a realização. Fôra meia dúzia de planos, tudo o resto se passa em três lugares distintos, o que atesta a origem do argumento.

A história, à parte algumas facilidades na solução de certos conflitos morais, não é das piores, dentro do género.

O caso inicial — uma menina rica que resol-

Três homens de casaca

de MARIO BONNARD
(Trois Hommes en Habit)



Mater Dolorosa

de ABEL GANCE

Abel Gance é, decididamente, o campeão da grandiloquência balôta, o *recordman* do convencionalismo mais falso e arbitrário. Jean-Paul Dreyfus anunciou, um dia na *Revue du Cinéma* que ia escrever um artigo intitulado: *Abel Gance ou le fossyeur solennel* — Abel Gance ou o coqueiro solene. Claro está que depois disto já não foi preciso escrever o artigo... Este seu filme é um modelo no género. Um assunto digno de Sartre — *ce qui n'est pas peu dire*... — uma encenação que oscila entre o postigo e o rebuscado, uns intérpretes que mereciam uma patada mestra, se a pudessem ouvir, etc. Enfim, é completo.

A história mirabilante que o filme descreve está cheia de cenas de «grande pseudo-intensidade»... teatral, de efeito certo e seguro sobre o

grande público. Pois bem, nem uma só o impressionou a valer, tal o ar falso e convencional de tudo aquilo. Se o sr. Gance até conseguiu tornar pretenciosa uma criança de 5 anos!

Depois a fita é uma verdadeira comédia, com cenas abertamente cómicas. Há uma intrigasinha amorosa, mais ou menos idiota, que destoa no meio do resto, por ser apresentada o mais a sério possível. Por tudo isso, pelas momices de Pasquali e pelas canções que Schipa canta, que são bastante agradáveis, o filme diverte e é facilmente aceite, tanto mais que se apresenta simpaticamente despidido de pretensões.

Depois nem sob o ponto de vista da técnica o filme merece condescendência. Todo o conflito é dado nos diálogos, e que diálogos!

Os intérpretes estão a dizer com o resto. Line Noro que faz a protagonista é uma mulher de pau. Sensibilidade, nem uma grama. Samson Fainsilber, o Richelieu dos *Três Mosqueteiros*, agrava a impressão que nos deixara, e da qual o menos que podemos dizer é que foi pouco li-songeira. Jean Galland exagerado, e a puxar ao Conrad Veidt. Não podemos com estes actores que representam «a maneira de...», como diria o Paul Reboux. Salva-se Gaston Dubosc, num criado. Claro que apesar de tudo — ou melhor — por tudo isto, o público não deve achar mau...

Domingos Mascarenhas

VERSÕES

(Continuação da página 4)

tirou do general Bibikoff deve ser muito diverso do alcançado pelo actor alemão que fez esse papel, que eu não sei quem foi.

Lembram-se certamente de *Traição*, esse grande filme que vimos o ano passado com Florelle e Ch le Boyer.

A figura criada por este último é daquelas que não esquecem mais, tal o pessoalismo que lhe soube imprimir. Pois bem, pensem agora no que, desse mesmo tipo, terá feito Emil Jennings, que o criou na versão alemã. Só isto é bastante para que o filme tenha necessariamente um aspecto muito diferente do que o vimos no S. Luís.

Mesmo essa estranha figura do aviador Ellissen, no *I. F. I.*, deve ter sofrido modificações

grandes nas diferentes interpretações dos seus três criadores.

São certamente três Ellissens distintos, o Ellissen-Boyer, o Ellissen-Veidt e o Ellissen-Albers. Dos três qual o melhor? Qual o mais perfeito? Não interessa. Não há melhores nem piores. O que há certamente são três Ellissens diferentes, três aspectos distintos da mesma figura.

E' pena que entre nós não seja possível exhibir mais de uma versão, como se faz em Paris, por exemplo. Deve ser interessantíssimo cotejar as várias interpretações desses grandes artistas, e não só neste caso como em todos os outros.

Podia fazer-se assim um autêntico curso de representação comparada, do maior interesse e do maior proveito para quem pretende ser actor de cinema.

VENUS DE MILO 1933



«ANIMATOGRÁFO» RESPONDE HOJE À PRIMEIRA SÉRIE DE PREGUNTAS DOS SEUS LEITORES. TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A DR. CELULOIDE, RUA DO ALECRIM, 65 — LISBOA.



Correio dos Cinéfilos

Violeta, a dos olhos negros — Lisboa — Saudamos em si a primeira leitora de *Animatógrafo* que teve a gentileza de escrever-nos. Não só não nos *maça* como até nos dará um grande prazer se quiser dar-se ao trabalho de nos escrever todas as semanas. Diga coisas. Pergunte coisas. Tem certa a respectiva e a nossa boa amizade.

A. N. Marques — Lisboa — Lamentamos não poder dispensar a fotografia que nos pede.

Cochon de Lait — Coimbra — Muito prazer em conhecê-lo, cinéfilo Leitão. O nosso director agradece desvanecidamente os amáveis cumprimentos que se dignou enviar-lhe e que sensibilizaram toda a redacção de *Animatógrafo*.

Dr. Celuloide — Pôrto — Tenha paciência, mas Dr. Celuloide... sou eu. Se quiser passe a assinar as suas cartas com o nome que, decerto por engano, nos atribuiu: Dr. Celuloide. — As duas primeiras perguntas que nos faz são demasiadamente vagas. Qual é a artista europeia de mais talento?... Que realizador é mais completo?... Dependem dos gostos, bem vê. Se quiser fiar-se no rosso, diga que são, respectivamente, Lilian Harvey e Fritz Lang. — A terceira pergunta respondemos sem custo e sem favor: é a Agencia Cinematográfica H. da Costa. — Decerto não deixou de ir ver e de admirar o maravilhoso filme que é *I. F. 1* não responde.

O Homem que Ri — Estoril — Sensibilizados com as suas amáveis palavras. Ignoramos quando será estreado entre nós o *Raspoutine* alemão; possivelmente só para a próxima época. — Os seus intérpretes são, além de Conrad Veidt, que encarna a figura do famoso «monge dos olhos verdes», Charlotte Ander, Paul Otto, Hermine Sterler, Kenny Rive e Carl-Ludwig Diehl, o protagonista de *Fronteira Invisível*. Dirigiu-o Adolf Trotz. — Para nós a melhor interpretação de Veidt é, ainda, o sonâmbulo César de *Calligari*. A dos *Irmãos Schlemberg* e a da *Ultima Companhia* são notáveis. — Escreva sempre que quiser.

A. P. S. não responde... — Alcobaca — Quer faça a sua assinatura directamente quer a faça por intermédio do nosso agente nessa vila, as regalias são as mesmas, como não podia deixar de ser.

Alves Costa — Porto — Agradecemos duplamente as suas amáveis saudações...

Leonardo Sabino — Elvas — Gratos pelas suas boas palavras. Tomamos em conta o seu amável e desinteressado oferecimento que certamente aproveitaremos na devida oportunidade.

J. A. — Marinha Grande — Mas evidentemente; não é peio facto de a sua assinatura começar com o segundo número que o meu amigo deixa de ter direito às regalias inerentes à sua qualidade de assinante. — Escreva sempre que lhe interessar.

Tony Tinta — Lisboa — Lamentamos sinceramente não lhe poder dar uma resposta segura á primeira pergunta que me faz. José Mojica anda presentemente em digressão pela Europa; de forma que é impossível dar-lhe o seu actual endereço. No entanto, se quiser esperar pela sua volta aos Estados Unidos, que não deve, aliás, tardar muito, escreva-lhe para Fox Studios 1401, North Western Avenue, Hollywood, Calif. — Na secção respectiva encontrará o que me pede.

João Manuel — Fôrto — Otto Gebühr, o notável actor alemão é um especialista na composição da personagem de Frederico II da Prússia. Em *Fredericus Rex*, um velho filme que o Olympia exibiu há muitos anos, como em *Concerto Real de Sans Souci* e na *Favorita do Imperador*, Gebühr viveu acertadamente, na verdade, a figura do grande Frederico. No seu mais recente filme *Der Choral von Leuthen* volta uma vez mais a interpretar essa personagem.

Maria Luísa — Montemor-o-Novo — May Mac Avoy, a doce ingénua de *Bea Hur* encontra-se afastada do cinema. Depois do seu casamento em Junho de 1929 com Maurice G. Clary, um corrector da bolsa de Los Angeles, nunca mais fez nenhum filme. — John Gilbert, tendo terminado há poucas semanas o filme *Rivets*, está presentemente actuando em *Fast Workers*. — Enderede para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif. — É sempre que quiser disponha do dr. Celuloide.

Zéca do Clili — Pôrto — Olga Baclanova não está hoje sob contrato de nenhuma empresa. Nestes últimos tempos tem até tido bem poucas oportunidades de aparecer no cinema. Um dos mais recentes filmes em que entrou foi em *Downstairs*, ao lado de John Gilbert e Virginia Bruce.

Sunlight — Braga — Para escrever a Richard Dix basta endereçar para 780 North Gower Street, Hollywood, Cal. — É conveniente escrever-lhe em inglês; mas se de todo em todo o não puder fazer, escreva mesmo em português, pois que calculará já o que o amigo deseja... — *Scarface* é sem contestação possível o melhor filme de *gangsters* produzido até hoje, e uma das mais belas obras do cinema.

Margot — Vila Real de Santo António — O que nos diz de *Rapareigas de Uniforme* é absolutamente sensato e inteligente. Parabéns pelo bom gosto e muito obrigado pelas amáveis saudações que nos enviou. — Para assinar *Animatógrafo* basta mandar a importância respectiva em carta registada ou vale do correio, para a nossa administração. — E não deixe de escrever sempre que quiser, pois com isso nos dará muito prazer.

Martháfilo — Lisboa — Seguindo os seus desejos arquivámos o seu nome e morada. — Para Martha Eggerth, a gentil intérprete de *Uma canção, um beijo, uma mulher*, enderece para Aafa, Seydelstrass 12, Berlin; deve escrever-lhe em alemão. Se tiver dificuldade, mesmo em francês. — 29 anos — E' oficialmente solteira.

Posta Restante

Tony Tinta — deseja corresponder-se, por nosso intermédio, com leitoras lisboetas de *Animatógrafo* que tenham menos de vinte anos.

Rex Bell — manifesta desejos de corresponder sobre assuntos de cinema, sport, ou quaisquer outros, com leitoras de 18 a 25 anos.

H. R. J. H. — quatro leitores domiciliados na rua dos Mexes 5, em Portalegre, aguardam que as simpáticas leitoras da nossa revista lhes deem o prazer de com elles corresponder.

Hy Garat disfarçado — go taria de, por intermédio do Dr. Celuloide trocar correspondência com leitoras de 16 a 18 anos.

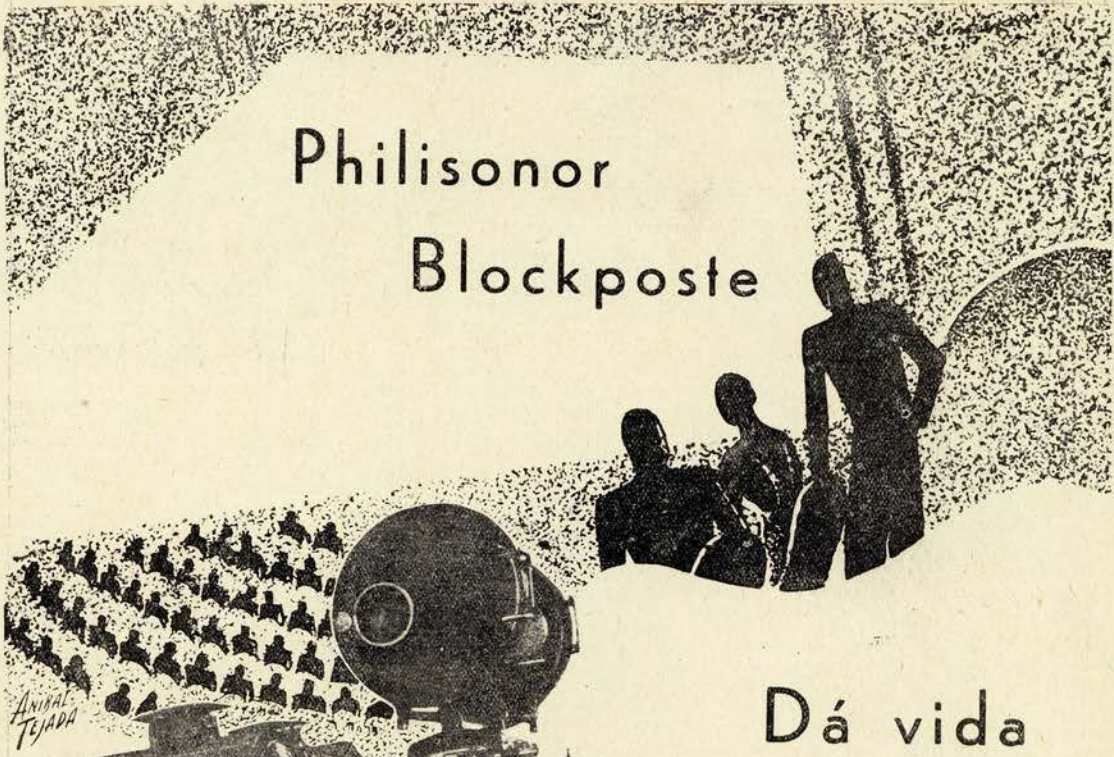
ANIMATOGRÁFO NO PORTO

Os cinéfilos do Norte receberam a nossa revista com um carinho e um entusiasmo sensibiliazaaeres. Não estranhámos o facto, pois desde há muito nos habituámos a considerar o espírito cinéfilo dos nortenhos bem mais equilibrado e mais intenso que o dos seus correle-gionários alfacinhas. Sempre nos repugnou acreditar no bairrismo intratável que tão frequentemente se lhes atribui. Sabemo-los abertos a todas as ideias novas, sempre prontos a patrocinar as iniciativas desinteressadas e interessantes.

O Pôrto, a grande cidade da inteligência e do trabalho, recebeu-nos com hospitaleira generosidade. Agradecemos-la de todo o coração; e procuramos retribuí-la, dedicando semanalmente, a partir do próximo número, uma secção especial aos assuntos que de mais perto o interessam, fazendo o relato circunstanciado dos acontecimentos cinematográficos locais.

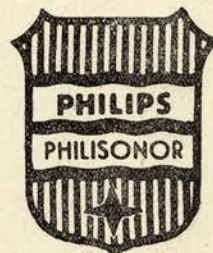
Temos o prazer de comunicar que escolhemos para correspondente «plenipotenciário» de «Animatógrafo» na capital do Norte, o sr. António Figueiredo, cinéfilo distinto e jornalista de verdade. Em seu nome saudamos o público e a imprensa do Pôrto, fazendo votos pelo seu progresso e pelo seu bem-estar.

Philisonor Blockposte



ANIMAL
TEJADA

Dá vida
á
Projeção



SOC. COM. PHILIPS PORTUGUESA

Avenida da Liberdade, 3-1.
LISBOA

Agência: Rua da Paz, 32
PORTO

ANIMATOGRÁFO

ANO I

NÚMERO 3

Lisboa, 17 de Abril de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO**

Secretário da Redacção: **FÉLIX RIBEIRO**

Editor: **JOÃO PEREIRA E SOUSA**

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 - Impressão: - Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa - Gravuras de **BERTRAND IERMÃOS**

Publicidade a cargo de **HUMBERTO BORGES DE CASTRO**

ASSINATURAS: (Contínente e Ilhas) - Três meses, 10\$00 - Seis meses, 31\$00 - Um ano, 62\$00. (Para os assinantes, cada número custa somente 1\$20)

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Preço 1\$50



GITTA ALPAR

E' uma nova vedeta com quem o público de Lisboa vai travar conhecimento através da engraçadíssima comédia «Esta... ou Nenhuma», que a Companhia Cinematográfica de Portugal agora apresenta no Palácio e no Odéon. Em atenção aos cinéfilos curiosos diremos que a encantadora Gitta Alpar, famosa diva da Ópera de Berlim, é, na vida real, mulhér de Gustav Froelich.

